

2

caso - vide, shes, - Ingerent
he pu este e Pais
quiter
Meridit,
la. cercat d Frug

(Provide 1)
la condistin
amora

le dew.
Provide 2.

Tosea ma
deci - -

pus Carnist
ps Sr. Vides
rebat de H - - -
rele e la 1912
p- - -

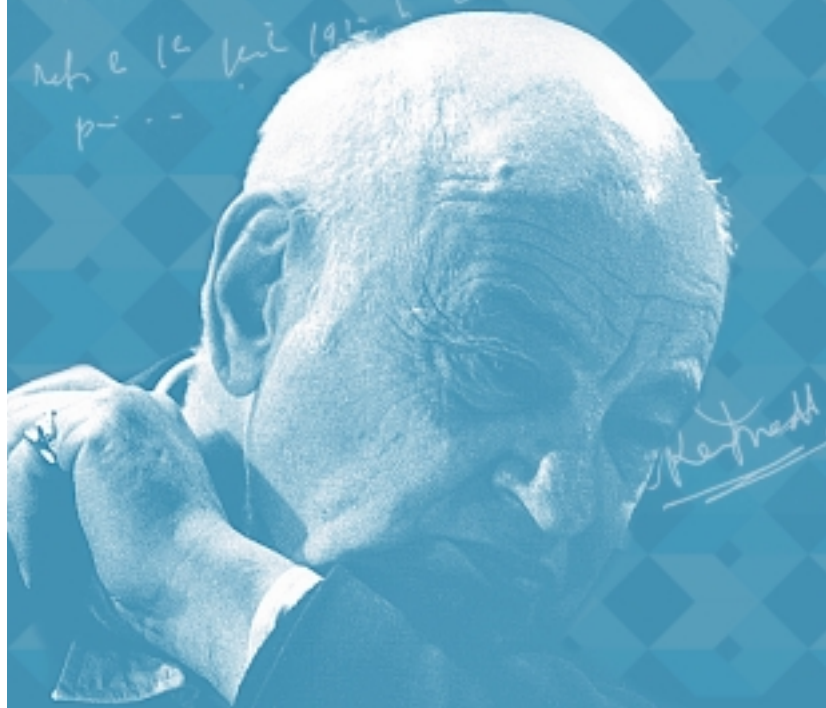
le Ma fela - 3 parti
le les
cia mathe/Refer
B. lat Richard
le suiz
Nab o No.
U o e U.
C o e C.

DOS DEMÔNIOS

ATELIER AO VIVO DO PENSAMENTO DE

Edgar MORIN

SEGUNDO DIA



DOS DEMÔNIOS

Atelier ao vivo do pensamento de Edgar Morin

AGOSTO de 2000

SESC VILA MARIANA - SÃO PAULO

SEGUNDO DIA

Este atelier foi concebido e organizado simultaneamente por Edgar Morin e pelos profissionais do SESC de São Paulo, além de ter integrado o Projeto Cultural Balaio Brasil.

Num trabalho pioneiro, Edgar Morin apresentou seu pensamento, sua obra e sua trajetória de vida a partir da literatura, do cinema, da música, pintura, escultura, fotografia e de imagens, dialogando e refletindo com os profissionais do SESC de São Paulo, com alguns profissionais do SESC do Rio de Janeiro e do Senac de São Paulo, durante dois dias consecutivos.

Vamos então começar.



Paris liberada



Cena do filme Rapsódia em Agosto de Akira Kurosawa

Quando Paris foi libertada eu tinha 23 anos de idade, e ao término da guerra, 24. Aos 26 anos de idade, escrevi meu primeiro livro, "O Ano Zero da Alemanha", momento em que me engajara em duas vias distintas, mas que se entrecruzam, na minha opinião.

A primeira via corresponde ao estudo do presente, procurar compreendê-lo, diagnosticar o sentido dos acontecimentos, ver a História tal qual ela se apresenta no momento atual. Naturalmente é algo muito difícil pois não possuímos a distância e o recuo necessário para podermos julgar.

A outra via seria a da antropologia, do estudo da condição humana, isto é do homem, porque a condição do ser humano representa, ao mesmo tempo, o próprio indivíduo com a sua autonomia, como também o fato dele ser parte de uma sociedade, de uma espécie.

A primeira via é marcada por "O Ano Zero da Alemanha" e a segunda por "O Homem e a Morte".

Antes de falar da via do presente, gostaria de mostrar-lhes um trecho do final do filme de Kurosawa, "Rapsódia em Agosto". Trata-se da história de uma mulher idosa que viveu a tragédia da bomba atômica detonada pelos americanos em Nagasaki, onde seu marido foi um dos exterminados. Com ela mora o neto, filho do casamento da filha com um americano, que aprende a tocar desajeitadamente uma melodia de Schubert, "Rosa dos bosques".

De repente, o passado volta à memória e, esta mulher corre desvairada sentindo novamente o sopro da bomba enquanto ouvimos claramente a melodia que a criança toca. Este trecho do filme mostra que nossa época, desde 1945, está marcada pela bomba atômica, permanecendo como uma ameaça para a humanidade.

PROJEÇÃO

Há um contraponto muito bonito das crianças japonesas cantando uma melodia de Schubert, um canto feliz e de alegria, e a imagem do desespero dessa mulher que revive a tragédia de Nagasaki.

Para empenhar-me na via do presente, farei diversos estudos. Após meu livro sobre cinema, que considero como sendo mais um livro de antropologia e do qual falarei mais tarde, escrevi um outro menor sobre as estrelas do cinema com a idéia de tratar-se de um fenômeno de representação, de ator, de atriz. São rostos, personalidades que se impõem, que tem uma presença quase mitológica, que inspiram um embrião de culto religioso, com fenômenos espontâneos ou organizados de adoração. Eu mesmo tive uma religião, um culto por Brigitte Helm, a Antinéa que vimos ontem.

As estrelas constituem um fenômeno econômico, pelo alto custo que representam e pela utilidade quanto à rentabilidade dos filmes. Quis estudá-las em todas as dimensões, sejam econômicas, sociais, religiosas e outras. É sempre a mesma idéia, o mesmo método que usava desde "O Homem e a Morte", isto é considerar os múltiplos aspectos e não somente um único.

No meu livro "Espírito do Tempo", estudo o que significa a cultura de massa, transmitida pela mídia, o cinema e a televisão, assim como a organização dos lazeres de massa, das férias prolongadas. Estudo este fenômeno cultural cada vez mais importante na nossa época e procuro estabelecer um diagnóstico.



Charles Trenet

L'ŒME DES POÈTES

Longtemps, longtemps, longtemps
Après que les poètes ont disparu
Leurs chansons courent encore dans les rues

La foule les chante un peu, distraite,
En ignorant le nom de l'auteur
Sans savoir pour qui battait son coeur

Parfois on change un mot, une phrase,
Et quand on est à court d'idées
On fait la la la la lai
Ah! la la la la lai...

Longtemps, longtemps, longtemps
Après que les poètes ont disparu
Leurs chansons courent encore dans les rues

Leur âme légère, c'est leurs chansons
Qui rendent gais, qui rendent tristes
Filles et garçons, bourgeois, artistes ou vagabonds

Fiz um estudo em uma comuna onde permaneci um ano com uma pequena equipe de estudantes, na extremidade da Bretanha, na região do Finistère. Existe um problema de método: ao invés de utilizar métodos somente de cunho quantitativo, objetivo, questionários, testes, fiz um trabalho de imersão e formulei alguns princípios de método.

Quando se deseja estudar uma comunidade, seres humanos, devemos ser 100% objetivos e, procurei considerar os fatos, os dados assim como se apresentavam. Ser 100% subjetivo é participar, comunicar, preparar as pessoas; é preciso utilizar totalmente a objetividade e a subjetividade, mesmo quando a subjetividade é considerada pela maioria dos sociólogos como sendo algo negativo. É durante a investigação e o trabalho que descobriremos os problemas mais importantes para que sejam focados.

Estávamos em 1965, e já sentíamos um movimento de autonomia da juventude, o problema das diferenças de concepção entre adolescentes e seus pais, bem como uma vontade de emancipação feminina e uma crise da pequena propriedade rural. Concentrei-me sobre a crise rural, as mulheres, os jovens e, utilizando a experiência colhida, consegui realizar meu estudo.

Dei prioridade ao problema mais difícil por entender que para se conhecer uma comunidade original e singular, é preciso pesquisá-la em seu próprio meio. Pesquisei também um processo de modernização, de transformação das mentalidades, isto é das transformações sociais que ocorriam em toda a França e na Europa Ocidental. Foi preciso portanto repetidamente iniciar e concluir a questão: uma experiência apaixonante e com a qual aprendi muito.

Continuei a trabalhar no livro "Maio 68 : A Brecha " e no "La Rumeur d'Orléans et la Rumeur d'Amiens". Pareceu-me importante não esquecer a qualidade da vida vivenciada, eu diria até, a qualidade poética da vida. Para mim, uma idéia cada vez mais fundamental afirma que a vida é uma alternância de prosa e de poesia.

A prosa representa os atos obrigatórios, aqueles que realizamos para sobreviver, que nos aborrecem e que são destituídos paixão; ao passo que na poesia colocamos nosso amor, nosso interesse e nossa paixão. Encontramos a poesia nas festas, numa boa refeição em família e, naturalmente, no amor. A prosa é a poesia da vida, ou seja, os estudos que valorizam tão somente a prosa da vida não percebem o essencial da vida humana, vêem seres humanos como máquinas ou objetos; é preciso considerá-los inclusive em sua realidade.

Para lembrar esta qualidade poética, vamos escutar agora "Alma dos Poetas", uma linda canção de Charles Trenet cantada por Juliette Greco. A demora é em razão da dificuldade de localizar a canção dentre as que se encontram na fita cassette.

MÚSICA

Voltamos então à segunda via: a da antropologia, a que trata da condição humana, em última análise, da questão infantil e adolescente: "Quem somos, onde vamos, de onde viemos?" A eterna pergunta do ser humano.

Já havia tratado deste assunto em «O Homem e a Morte» e continuei neste livro sobre cinema. Porque a antropologia e porque o cinema? Não somente porque sou um "cinemáfogo" e grande amante de filmes, mas principalmente pela razão do cinema desempenhar um papel muito importante em minha vida e aprendizado, como também em meu livro sobre a morte, tinha



Maxime Gorki



Charles Chaplin



Al Pacino



Marlon Brando

idealizado que a parte imaginária da vida do homem, feita de sonhos, de fantasias, de mitos e de crenças, é vasta e extremamente importante. Citei uma frase de Maximo Gorki que diz que a realidade do homem é semi imaginária. Caso não existisse o imaginário e ao mesmo tempos os sentimentos, não haveria realidade humana, colorida pelos sentimentos, desejos, paixões e imaginação. No amor, existe uma projeção imaginária, o nascer de um culto religioso.

O cinema era interessante porque, a partir da projeção na tela, vemos seres que vivem: nós vivemos através deles assim como eles vivem através de nós. Existe este fenômeno bem conhecido da participação e da identificação que é muito complexo: rimos, choramos, tememos pelos nossos heróis, porém conscientes que estamos no cinema. Temos uma dupla consciência, uma consciência vigilante que sabe que não estamos presentes fisicamente na tela e uma outra consciência que nos faz viver a vida dos personagens do filme, contrariamente a uma idéia muito simplista que diz estarem os espectadores alienados e que não percebem a diferença entre real e imaginário. Percebem-na perfeitamente, pois entendem que estão no cinema.

Todavia, há uma segunda questão que despertava minha curiosidade: diz-se que os espectadores de cinema estão numa situação hipnótica, que perdem a racionalidade bem como o sentido crítico. Sem dúvida existe algo verdadeiro, porém existe também uma verdade na afirmação que, ao estarmos no cinema, temos a compaixão que não possuímos na vida real, no dia-a-dia. Por exemplo, as pessoas começam a gostar de um vagabundo, como Charlie Chaplin porém, ao sair do cinema, ao se defrontarem com o mesmo vagabundo na rua, olhariam com desprezo. No cinema, podemos compadecer-nos, como entendemos Shakespeare, com seus personagens complexos, por vezes odiosos e criminosos, mas que também possuem sentimentos; usemos como exemplo os homens da Máfia interpretados por Marlon Brando e Al Pacino, entendemos que são seres humanos com aspectos ignóbeis mas que, ao mesmo tempo, possuem sentimentos de amor e, às vezes até, de honra.

No cinema, percebemos a complexidade dos seres, compreensão esta que perdemos na vida real onde obedecemos a clichês, alegando tratarem-se de criminosos. O cinema é muito rico do ponto de vista antropológico e empenhei-me de corpo e alma neste trabalho. Não quero insistir nesse ponto mas continuei na via da antropologia quinze anos depois, ao escrever "O Cinema ou o Homem imaginário".

Quando publiquei «Le Paradigme Perdu de la Nature Humaine», cujo título em português é, acredito, "O Enigma do Homem - para uma Nova Antropologia", retornei ao assunto. Após maio 1968 - um acontecimento que me deixou bastante apaixonado, numa época em que estava imerso no presente - um instituto de pesquisa biológica na Califórnia convidou-me, pelo período de um ano, com o intuito de aprender. De fato, tornei-me um estudante não regular junto a importantes pesquisadores, principalmente um amigo, o biólogo francês Jacques Monod. No decorrer daquele período, fartava-me da nova evolução da biologia que experimentava uma fantástica revolução com a descoberta dos genes e com o desenvolvimento da biologia molecular.

Com todos esses desenvolvimentos, cujas incríveis conseqüências hoje se evidenciam, retornei à idéia que o ser humano é interessante por ser biológico e metabiológico ao mesmo tempo: não é somente o corpo e o cérebro que são biológicos; o cérebro é um órgão biológico; porém a mente ("mind", "mente") se desenvolve a partir dele como uma instância que

necessita da linguagem e da cultura para se desenvolver.

Existe uma realidade humana biológica pois somos frutos de uma evolução biológica, e uma realidade social, psicológica e histórica. Esses dois aspectos são, como vocês sabem, dissociados: o cérebro, é estudado em biologia; a mente, em psicologia e não existe elo entre o homem biológico e o homem cultural. Eu queria entender o todo.

Não podemos dizer que o homem é 50% biológico e 50% cultural : ele é 100% biológico e 100% cultural. Os atos mais biológicos também são atos culturais, como o de nascer: há a certidão de nascimento, as festas, o batismo; e o de morrer: com os funerais e ritos; o de comer: escolhemos os pratos, cozinhamos, gostamos de comer com amigos. Tive então a idéia de querer entender esta estranha e dupla realidade do ser humano.

Voltando da Califórnia tive a ventura de organizar, com a ajuda de eminentes biólogos, um colóquio chamado "A Unidade do Homem", e a exposição que fiz serviu de embrião ao livro intitulado "O Paradigma perdido, a Natureza humana".

Esta minha estada na Califórnia foi muito profícua, não somente por tornar-me num estudante e adquirido conhecimentos que não possuía, como também por ser apresentado à teoria dos sistemas, ao pensamento de Gregory Bateson, à cibernética e a todo um leque de desenvolvimento intelectual que induzirão idéias que tornar-se-ão essenciais para mim como auto-organização, até chegar à idéia da complexidade.

Por outro lado, a experiência vivenciada foi muito rica. Era a época da contracultura na Califórnia, com "Parks in", isto é, reuniões com a participação de aproximadamente 100 mil pessoas. Certamente vocês viram no cinema imagens de Woodstock, seriam então verdadeiros Woodstocks da Califórnia, multidões com conjuntos musicais absolutamente extraordinários.

Tínhamos Jonas Salk, o homem que inventou a vacina anti poliomielite e que, graças a esta descoberta, amealhou grande fortuna que lhe possibilitou a criação de um instituto de pesquisas. Era um homem de baixa estatura porém com um grande ideal, e quando estava na Califórnia pensando nele, eu cantava «Fool on the hill» uma música dos Beatles, que gostaria que vocês ouvissem agora.



Woodstock



Jonas Salk

Fool on the Hill (Paul McCartney)

Day after day alone on a hill, the man with the foolish grin is keeping perfectly still
But nobody wants to know him, they can see that he's just a fool,
And he never gives an answer
But the fool on the hill, sees the sun going down, and the eyes in his head
See the world spinning round
Well on the way, head in a cloud, the man of a thousand voices talking perfectly loud
But nobody ever hears him, or the sound he appears to make,
And he never seems to notice
But the fool on the hill, sees the sun going down, and the eyes in his head
See the world spinning round
And nobody seems to like him, they can tell what he wants to do
And he never shows his feelings
But the fool on the hill, sees the sun going down, and the eyes in his head
See the world spinning round
Oh, round, round, round, round, round, and he never listens to them
He knows that they're the fools, they don't like him
The fool on the hill, sees the sun going down, and the eyes in his head
See the world spinning round
Oh, round, round, round, round, oh

Gostaria agora de mostrar-lhes a obra de Michelângelo na Capela Sixtina

onde o criador insufla o sopro vital no ser humano. Olhem para este dedo que toca levemente o dedo de Adão acordando para a consciência. O afresco foi restaurado recentemente e acreditava-se que Adão estivesse com os olhos cerrados, porém, na realidade, eles estão abertos, ele olha mas ainda não vê. Algo inusitado e não notado anteriormente: observem o Criador rodeado de anjos porém, se olharem mais atentamente, poderão perceber que Ele está abraçado a uma criatura feminina – feminina pelos cabelos e o despontar dos seios – e que não é um anjo.



Capela Sixtina de Michelângelo

O fato marcante em todas as grandes obras é que não se limitam à pintura à música, etc., são obras do pensamento, um pensamento que muitas vezes não pode se expressar em palavras. Michelângelo pensa que Deus, mesmo tratando-se de um ponto de vista herético, precisa de uma presença feminina para poder criar. Esquecemos de observá-lo e isto, na minha opinião, é muito interessante. Apresentei este afresco para que percebam que a questão principal é a antropologia. Quem será este ser humano que irá acordar para a vida e para a consciência?

Mostrarei a vocês "L'Homme au Casque" de Rembrandt, não existe a certeza que o quadro seja dele, talvez de um aluno, porém a obra tem a beleza das obras de Rembrandt, com semblantes onde transparece algo muito complexo, rico e misterioso: toda a subjetividade humana. Na minha opinião, a idéia de antropologia não abrange somente o comportamento objetivo dos humanos, abrange também a subjetividade humana, aquilo que há de verdadeiramente singular em uma pessoa. Mais tarde, no "Método", quis saber qual era o sentido da palavra Sujeito, o que significa ser Sujeito? Falaremos disto ainda no decorrer desta tarde.



Rembrandt

Rembrandt era um pensador. Olhem no quadro o que o rosto deixa transparecer, sem nunca dizê-lo claramente, percebemos que medita, reflete, mas será que é sério, será que é triste? Todo o mistério do ser humano transparece neste Rembrandt.

O trabalho sobre o ser humano incorpora no seu íntimo o mistério e a complexidade humana. Gostaria de ouvir a leitura das frases de Blaise Pascal que, no século 17, tinha uma visão do ser humano muito mais rica do que muitos antropólogos atuais, e uma frase, ou melhor, uma passagem muito célebre de Freud, bem como um trecho de um autor menos importante ... eu!

"Que quimera é, pois, o homem? Qual novidade, qual monstro, qual caos, qual objeto de contradições, qual prodígio? Juiz de todas as coisas, verme imbecil, depositário do verdadeiro, cloaca de incerteza e de erro, glória e reverso do universo que é o homem na natureza? Um nada diante do infinito, um todo diante do nada, um meio entre nada e tudo.

O homem é ele mesmo o mais prodigioso objeto da natureza, pois ele não pode conceber o que é o corpo e menos ainda o que é espírito e menos do que qualquer outra coisa, como um corpo pode estar unido a um espírito. Eis aí o cúmulo de suas dificuldades, e no entanto, é seu próprio ser: "a maneira com que o espírito está unido ao corpo não pode ser compreendida pelo homem, e no entanto, isso é o próprio homem"

Blaise Pascal

"O narcisismo universal, o amor próprio da humanidade, sofreu até hoje três grandes vexações por parte da pesquisa científica.

O homem acreditava no começo de suas pesquisas que seu lugar de residência, a Terra, encontrava-se imóvel no centro do universo. [...] A destruição dessa ilusão narcisista está ligada ao nome e à obra de Nicolau Copérnico, no século XVI. [...] Quando sua descoberta foi reconhecida de maneira universal, o amor próprio humano sofrera sua primeira vexação, a vexação cosmológica.

Ao longo de sua evolução cultural, o homem se ergue como mestre das suas co-criaturas animais. Mas, não contente com essa hegemonia, pôs-se a cavar um



Blaise Pascal

buraco entre a essência deles e a sua. Ele recusou a razão e se atribuiu uma alma imortal, alegou uma origem divina elevada, que permitiu romper a ligação de comunidade com o mundo animal. [...] Sabemos todos que as pesquisas de Charles Darwin, de seus colaboradores e de seus precursores, puseram fim há meio século a essa presunção do homem. O homem não é outra coisa que nem nada melhor do que os animais, sendo ele próprio oriundo da série animal, parente próximo de certas espécies e mais distante de outras. [...] Foi essa a segunda vexação para o narcisismo humano, a vexação biológica.

Mas o golpe mais doloroso vem sem dúvida com a terceira vexação, que é de natureza psicológica. O homem, mesmo estando aviltado exteriormente, sente-se soberano em sua própria alma. [...] A psicanálise quis instruir o eu. Mas suas duas elucidações – a saber, que a vida pulsional da sexualidade em si não pode ser inteiramente domada, e que os processos psíquicos são em si mesmos inconsciente, não são acessíveis ao eu e não são submetidos a ele senão pelo viés de uma percepção incompleta e pouco certa – voltam a afirmar que o eu não é dono em sua própria casa. Elas representam juntas a terceira vexação inflingida ao amor próprio, a que eu gostaria de chamar vexação psicológica.”

Sigmund Freud

“Sabemos todos que somos animais da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero homem, da espécie sapiens. [...] É um ser gozador, embriagado, extático, violento, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte e não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se nutre de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo, cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro, à errância, um ser úbrico [desmedido] que produz desordem. E como chamamos de loucura a conjugação da ilusão, da desmedida, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro da desordem, somos obrigados a ver que o homo sapiens é o homo demens.”

Edgar Morin

De fato, a inquietação essencial permanece a eterna pergunta “Quem somos nós?”.

Escrevi “O Paradigma Perdido” durante 1973, em parte no Brasil, trabalhando em Salvador junto ao mar, na antiga Casa dos Escravos, hoje Museu de Antropologia. Era um livro que carregava comigo e será preciso esperar muitos anos – talvez até o ano 2001 ou 2002, quem sabe? – para que escreva o último volume de “O Método”, do qual falarei esta tarde, e que é intitulado “A Humanidade da Humanidade”, onde procuro responder à indagação da condição humana, “Quem somos nós?”.

Percebi tratar-se da primeira parte, ou talvez do primeiro volume, e que necessariamente haveria uma segunda parte, um segundo volume decorrente de todo o meu trabalho, e que trataria da ética. Neste livro, não somente acrescento idéias novas, como também retomo aquelas anteriormente formuladas que enfoco de modo diferente.

Principalmente o problema da complexidade humana que nos torna seres trinos, isto é, ao mesmo tempo sociais, biológicos e individuais. Não se trata de três elementos separados porque um está contido no outro, tal como na trindade cristã. A sociedade está contida no indivíduo através da cultura, da mesma forma em que ele está na sociedade, e que a espécie encontra-se no indivíduo, assim como ele está na espécie. São inseparáveis porque, para que a espécie continue, é preciso que haja indivíduos.

O indivíduo não é somente o produto da espécie, ele próprio produz a espécie no acasalamento e na reprodução. Não é somente o produto da sociedade, ele é co-produtor da sociedade, porque são as interações entre indivíduos que fazem com que a sociedade exista como tal, com suas leis, normas, cultura, retroagindo no indivíduo para que este se desenvolva. Os indivíduos são o produto da sociedade, que por sua vez, produz o indivíduo.

Esta idéia só pode ser formulada com aquilo que denomino de pensamento complexo, isto é, não colocar simplesmente em paralelo, indivíduo, espécie e sociedade, mas uni-los de forma inseparável e envolvente. Na dupla polaridade do livro “O Paradigma Perdido”, a palavra homo sapiens, denominação dada à nossa espécie, ou seja, homem racional e sábio, aplicava-se com restrições, porque o homo é ao mesmo tempo demens, é

louco e capaz de delírios; entre sapiens e demens, não existe fronteira, ou seja, os sentimentos e as emoções são necessários à racionalidade e ao conhecimento. Não somos computadores: precisamos de paixão para a percepção, porém, ao mesmo tempo, a paixão que nos ilumina pode nos cegar, fazendo-nos cair na loucura, na cólera, no delírio.

Esta relação fundamental entre sapiens e demens propõe uma questão: O que fazer? Não podemos levar uma vida somente razoável. Por quê? Porque na intensidade da vida, na poesia da vida, a própria vida precisa desgastar-se, consumir-se, arriscar-se.

Homo sapiens demens, e não somente homo faber, aquele que fabrica as ferramentas, mas também, o homem imaginário, que vive no imaginário e nos mitos; não somente o homo economicus, o homem que só procura o interesse próprio, mas também, o homo ludens, o homem que gosta de brincar. Não é somente a criança que brinca, os adultos também gostam de jogos, de futebol, de jogar cartas, de corridas de cavalos e às vezes até de arriscar a própria vida.

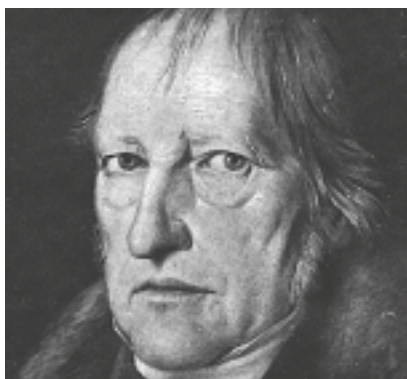
Procuro considerar o ser humano em sua complexidade e também introduzir o destino histórico da humanidade, pois hoje percebemos que caminhamos para uma História muito incerta. Trata-se do fio antropológico, das duas pernas sobre as quais caminhamos: a perna que está no presente, no imediato, no agora, no acontecimento; e a perna que está na antropologia, com uma reflexão que podemos denominar filosófica.



Heidegger

Existe um terceiro aspecto político, o de participação mas também de reflexão sobre a política que representaria o elo de ligação. Na antropologia, há o aspecto histórico do ser humano: fazemos parte de uma história dentro de uma sociedade, e a política que está no contemporâneo, nas indagações históricas e sociais em que se posiciona o ser humano. Despertei para estas questões no decorrer dos anos 1955 a 1962 graças a "Argument", uma pequena revista sem filiação ou ideologia, mas de debates e que fundei com alguns amigos. Havia o problema do Marxismo e queríamos refletir, ver quais eram as suas limitações e lacunas, e aquilo que era preciso preservar do pensamento de Marx. Pensávamos que era preciso rever todas as idéias banalizadas, e que era preciso desenvolver um pensamento interrogativo.

Acredito que, de fato, a vontade de continuar nesse pensamento interrogativo, tomou conta de mim. A idéia de ser a técnica aquela que dominava o planeta impôs-se em mim naquela época. Isto graças a um dos colaboradores daquela revista, um filósofo de origem grega chamado Costa Axelos, que pessoalmente havia trazido a mensagem do segundo Heidegger do pós guerra, do Heidegger que havia mostrado a idéia de planeta.



Hegel

Nesta revista, propomos e defendemos a idéia que havia de mim se apoderado, bem antes da globalização hoje divulgada, que doravante deveria existir um só pensamento planetário, que não se poderia pensar em fatos separados, que o planeta era o nosso destino, e que estávamos na era planetária.

A era planetária começara com a conquista das Américas pelos Espanhóis e Portugueses, com a dominação do ocidente, o colonialismo, a escravatura. Através de todos esses fenômenos de opressão e de exploração, os diferentes elementos do planeta se uniam e novos fatos surgiram: a emancipação e a descolonização, aspectos extremamente ambivalentes, já que emergia a difusão das idéias democráticas e dos direitos do homem. Ao mesmo tempo, face ao totalitarismo, a idéia de se raciocinar na era planetária e nosso planeta e não somente na URSS, nos Estados Unidos, ou no Terceiro mundo, também tomou conta de mim. Um dos meus recentes livros intitulado "Terra Pátria", é um desenvolvimento desta pesquisa sobre o conhecimento de nossa condição no planeta.

Na revista, tratamos de questões não somente de ordem estritamente política: tínhamos um exemplar sobre burocracia, outro sobre o niilismo, um terceiro sobre o amor - muito interessante este número sobre o amor . Éramos um grupo de seis ou sete camaradas e nos reuníamos durante um jantar, com muita comida e bebida. Eram reuniões muito agradáveis e quando fizemos o número sobre o amor, todos estávamos casados, mas todos se separaram, porque havia um novo amor chegando para cada um de nós. Vivenciávamos os problemas dos quais falávamos.



André Breton

Decidimos parar de publicar a revista porque houve uma diáspora planetária de seus redatores. Um tornou-se professor na Tunísia, o outro em Dakar, no Senegal; eu viajava muito para a América Latina, um colega ficava em Paris, nosso sentimento era de dispersão e que já havíamos abordado grandes temas e não queríamos nos repetir. É preciso conhecer o tempo de parar, e fizemos conscientemente o harakiri da revista.

É no decorrer deste período que surge o que denomino de: a segunda reorganização de minha concepção do mundo e dos meus pensamentos. Este marxismo Hegeliano focado durante a guerra e que muito me marcou, desarticulava-se. Formava-se uma constelação de pensamentos nos quais Hegel e Marx permaneciam naturalmente muito importantes mas outros pensadores surgiam, ou então, outras formas de pensamentos com a contribuição dos surrealistas. Conheceram André Breton e Jacques Prévert e considerava o surrealismo como uma grande aventura intelectual, sobretudo por afirmarem que a poesia deveria ser vivenciada, não somente escrita.



Pierre Adorno

Georges Bataille, infelizmente um autor pouco conhecido, elaborou uma teoria muito interessante do consumir-se, oposta ao consumo, que diz ser o consumo um fenômeno de supermercado enquanto que o consumir-se é uma maneira de queimar intensamente a própria vida.

Houve uma provincialização de Marx e da idéia de totalidade, que me parecia tão importante, complementando-a com o oposto. É principalmente Théodore Adorno, um dos marxistas da Escola de Frankfurt, melhor dizendo, pós marxista, que ditou esta frase: «A totalidade é a não verdade ». Aquele que acredita ser dono da verdade, ilude-se, porque teremos um pensamento inconsistente, pleno de vazios e buracos negros de nossa realidade e do nosso mundo.



Althusser

Acredito ser preciso aspirar uma visão múltipla, mas ao mesmo tempo saber que se imaginamos conhecer um sistema na sua totalidade, isto é, ter um pensamento anti sistemático, necessitamos de tempo e organização. Existe também a idéia que as contradições fundamentais não podem ser ultrapassadas, elas nos ajudam a viver. É preciso conviver com a idéia que devemos reacender a dúvida e o espírito crítico e resistir a todas as formas de histeria coletiva.



Claude Lefort

A idéia que já havia deduzido, ou seja, aquela onde o mito, a imagem fazem parte da realidade humana, inspirou-se no biólogo holandês do início do século que discorria sobre a falta de acabamento do homem, do ponto de vista biológico, e que o homem adulto parece o feto do macaco, porque este quando recém-nascido possui o rosto achatado antes do alongamento, não tem pelos como o ser humano e, diferentemente dos outros antropóides, não tem o prepúcio, como se o seu desenvolvimento sexual fosse inacabado. É por esta razão que em diversas culturas faz-se a circuncisão, descobrindo o prepúcio como nos outros animais. O homem é portanto um ser inacabado e, é por esta razão que possui habilidades, curiosidades, aberturas Era preciso incluir a idéia de falta de acabamento em tudo.



FOTOS

Examinemos as imagens das quais falamos: uma imagem trágica de Che Guevara, diferente do semblante triste que conhecemos; a Muralha da China; a Praça da Paz Celestial, com a imagem bastante conhecida do civil desarmado diante dos terríveis tanques; o Muro de Berlim - construído na época de Krutchev e demolido em 1989 - e logo atrás, a porta de Brandenbourg. Já disse no início da primeira reunião que não existia muro, somente ruínas, tudo estava vazio e eu estava próximo da porta de Brandenbourg enlevado pela Sonata da Primavera de Beethoven; e aqui o dia da demolição do Muro de Berlim.



Che Guevara

Os anos 60 foram de reflexão e pesquisa e, ao mesmo tempo teórico, filosófico e concreto; tudo isto conduzido por um pequeno grupo de amigos. Cornelius Castoriadis, Claude Lefort e eu, tínhamos formação "marxiana" para não dizer marxista, fiel à Marx. Utilizávamos seu pensamento para criticar os marxistas oficiais. Todavia, percebemos que era preciso ultrapassar, integrar e ir além do pensamento de Marx, fazendo cada um de nós à sua maneira. Castoriadis, com quem tenho verdadeira afinidade, priorizou o imaginário como base das sociedades, enquanto Lefort consagrou-se à teoria da democracia.



Queda do Muro de Berlim

Fomos bastante marginalizados no decorrer deste período, porque o marxismo de Althusser extremamente rígido e, na minha opinião, completamente estúpido, reinava na França, apesar de existirem outras idéias mais refinadas. Reinava a sociologia padronizada, o estruturalismo que nega a história e o sujeito. Fizemos uma marcha solitária, uma travessia do deserto mas, ao mesmo tempo, foi uma época muito rica para mim pois nesta ocasião descubro a América do Sul.



Protesto na Praça da Paz Celestial

A minha primeira visita foi muito rápida, fui convidado para ser jurado no Festival de Mar del Plata na Argentina. Após meus livros sobre o cinema, tive a oportunidade de fazer parte, durante alguns anos, do júri em festivais de cinema, como o de Veneza, o que muito me agradava.

Fui convidado depois pela Flacso, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais em Santiago do Chile; nessa mesma ocasião, fiz a minha primeira visita ao Brasil onde fui convidado pelo amigo Guerreiro Ramos, ora falecido, para uma conferência no salão nobre da Universidade do Rio de Janeiro. Todos os professores estavam presentes e perceberam que não havia público para assistir a palestra. Nesse momento chamaram todos os varredores, os faxineiros e todas as pessoas ainda presentes na universidade, pediram para que sentassem, deram-lhes uma caneta e um caderno recomendando que escrevessem e meneassem a cabeça em sinal de aprovação. Essa foi minha primeira conferência no Brasil.



Portal de Bradenburgo

Descobri todos esses países tão diferentes: a civilização mestiça do Brasil, o mundo indígena do Peru e da Bolívia. Ouçamos então um pouco de música latino-americana. Gosto muito de uma delas e que se intitula "Amor de mi amor", uma valsa peruana mas, como não temos o original, ouviremos uma versão francesa bem diferente "La foule" ("A multidão") cantada por Edith Piaf.



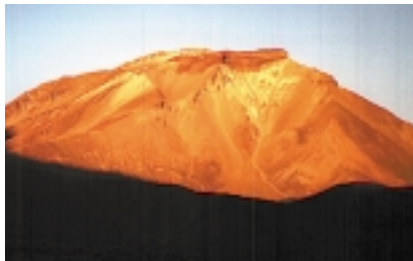
Multidão em passeata

La foule

Je revois la ville en fête et en délire
Suffoquant sous le soleil et sous la joie
Et j'entends dans la musique les cris, les rires
Qui éclatent et rebondissent autour de moi
Et perdue parmi ces gens qui me bousculent
Étourdie, désespérée, je reste là
Quand soudain, je me retourne, il se recule,
Et la foule vient me jeter entre ses bras...

Emportés par la foule qui nous traîne
 Nous entraîne
 Écrasés l'un contre l'autre
 Nous ne formons qu'un seul corps
 Et le flot sans effort
 Nous pousse, enchaînés l'un et l'autre
 Et nous laisse tous deux
 Épanouis, enivrés et heureux.
 Entraînés par la foule qui s'élançe
 Et qui danse
 Une folle farandole
 Nos deux mains restent soudées
 Et parfois soulevés
 Nos deux corps enlacés s'envolent
 Et retombent tous deux
 Épanouis, enivrés et heureux...

Et la joie élaboussée par son sourire
 Me transperce et rejaillit au fond de moi
 Mais soudain je pousse un cri parmi les rires
 Quand la foule vient l'arracher d'entre mes bras...
 Emportés par la foule qui nous traîne
 Nous entraîne



Cordilheira dos Andes

Nous éloigne l'un de l'autre
 Je lutte et je me débats
 Mais le son de ma voix
 S'étouffe dans les rires des autres
 Et je crie de douleur, de fureur et de rage
 Et je pleure...
 Entraînée par la foule qui s'élançe
 Et qui danse
 Une folle farandole
 Je suis emportée au loin
 Et je crisper mes poings, maudissant la foule qui me vole
 L'homme qu'elle m'avait donné
 Et que je n'ai jamais retrouvé...



Antiga cidade Inca

O mundo indígena, como o encontrei na Bolívia e no Peru também me fascinou. Ouviremos mais tarde "El Condor Pasa" ; vamos ao Brasil com a "Marcha dos Orixás".

Meu Pai Oxalá

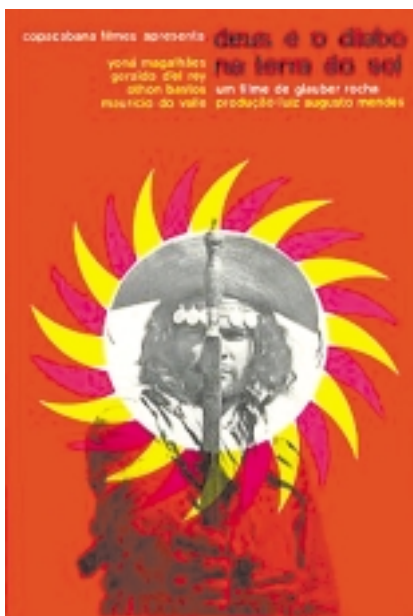
Toquinho - Vinícius de Moraes

Vem das águas de Oxalá
 Essa mágoa que me dá.
 Ela parecia o dia
 A romper da escuridão.
 Linda no seu manto todo branco
 Em meio à procissão.
 E eu que ela nem via,
 Ao Deus pedia amor e proteção:

Meu Pai Oxalá é o Deus,
 Venha me valer.
 Meu Pai Oxalá é o Deus,
 Venha me valer.
 E o velho Omulu atotobaluaiê,
 E o velho Omulu atotobaluaiê.

Que vontade de chorar
 No terreiro de Oxalá.
 Quando eu dei com a minha ingrata,
 Que era filha de Yansã,
 Com sua espada cor de prata
 Em meio à multidão
 Cercando Xangô num balanceio
 Cheio de paixão.

Meu Pai Oxalá é o rei,



Cartaz do filme Deus eo Diabo na Terra do Sol de Glauber Rocha

Venha me valer.
Meu Pai Oxalá é o rei,
Venha me valer.
E o velho Omulu atotobaluaiê,
E o velho Omulu atotobaluaiê.

Ao presenciar sessões de Candomblé, fora do meu país naturalmente, tive uma idéia que me pareceu importante. Certa vez participando do Candomblé na cidade de Fortaleza, entendi a importância do fenômeno da possessão.

Vi pela primeira vez, fisicamente e de forma concreta, que os Orixás ou os Exús se manifestavam quando invocados, tomando posse de uma pessoa que repentinamente começava a falar com a voz do Orixá ou do Exú. Trata-se naturalmente de uma manifestação extremada porém de um fenômeno absolutamente normal.

Em todas as religiões, dirigimo-nos à estátua de um deus, vamos a templo e agimos como se o deus estivesse presente, obedecendo-o, pedindo-lhe graças. Somos possuídos não só pelos deuses como também pelas idéias; nossas idéias não representam somente o produto da nossa mente, elas têm vida autônoma, nós as alimentamos com nossas aspirações e o nosso cérebro. Porém essas idéias são capazes, uma vez tornadas autônomas e bem supridas por nós, de nos dominar, dizer, ordenar: "Morre por mim", "Mata por mim", exatamente como o fazem os deuses.

Somos possuídos pelas idéias, e o fenômeno da possessão é talvez o mais difundido e o mais corriqueiro, somos possuídos também pelos nossos genes, pois sem eles não viveríamos e o nosso cérebro não existiria; agimos automaticamente, tal como comer, andar; parecemos semi sonâmbulos na vida, possuídos pelas idéias e pela cultura na qual estamos integrados...

De uma forma complexa, podemos possuir as idéias que nos possuem, como nas religiões quando o crente possui o deus que por sua vez o possui, i.e., e que pode pedir-lhe: "conceda-me uma graça, faça isto ou aquilo por mim". Portanto possuímos os genes que, por sua vez, nos possuem. A idéia do caráter de semi sonambulismo da vida, onde agimos automaticamente e que somos constituídos de vários milhares de células cuja existência e funcionamento ignoramos e, as células que nos constituem ignoram nossos sentimentos, nasceu em Fortaleza de uma experiência de Candomblé.

Naquela época no Brasil surgia o "cinema novo". Conheci Glauber Rocha, muitos filmes me impressionaram, como por exemplo "A Falecida" de Leon Hirschman; e seu lindo final com o personagem, um pobre diabo e sua esposa doente. Ele tem uma paixão, naturalmente o futebol, e o dinheiro suficiente para comprar medicamento para a esposa. Porém, seu time participa de uma importante partida e, possuído pelo futebol, resolve assistir ao jogo. No decorrer do mesmo, vibra, grita e, ao término, fica louco de alegria pois o seu time vence. Após este estouro de alegria, cai em si tomando consciência bruscamente de que a esposa está à morte e que ele gastou todo o dinheiro dos remédios, desata a soluçar. Não sei se alguns de vocês chegaram a ver este filme?

Ao regressar da Califórnia, tinha a idéia de fazer algo denominado "O Método", sem saber ainda o que escrever porém a palavra se impusera, um pouco no sentido "Tao" do termo, significando a via, o caminho, isto é, o sentido grego originário. Era mister fazer uma verdadeira reconversão da vida, porque não se tratava mais de um livro que se escreveria em dois ou três anos; sentia-me tal como um pintor frente ao seu cavalete pintando pequenos quadros e que bruscamente se tornara pintor de afrescos como Michelângelo. Como imagem aproximada da reconversão, dar-lhes-ei uma que acho magnífica. Trata-se do deslumbramento de Paulo (de Saül antes de tornar-se São Paulo) a caminho de Damasco. Estava tão deslumbrado e fulminado pela



Cenas do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol de Glauber Rocha



Capela Sixtina de Michelângelo



Cartaz do filme Terra em Transe de Glauber Rocha

verdade imposta por esta luz, que caiu do cavalo, e este fazendo um movimento da pata para evitar pisoteá-lo. Muitas conversões tomam o aspecto de fulminação pois toda a visão do mundo muda. Há passagens muito belas na primeira epístola aos Coríntios, e outras sublimes sobre o amor onde São Paulo diz: "Sem amor, não sou nada ... somente um címbalo retumbante." Profere também esta idéia universal: "Não há mais judeus nem gentios, não há mais gregos nem bárbaros, não há mais homens nem mulheres".

No que diz respeito a "O Método", não se trata de uma fulminação mas sim de uma verdadeira reconversão que exigiu um longo esforço, iniciado em 1972/1973 e que ainda não terminou: quatro volumes já foram publicados e os outros estão em fase de preparação. Espero terminar esta obra antes que ela acabe comigo!

Como demonstração do trabalho, da obstinação e da fé colocados na minha obra, tomo a liberdade de mostrar-lhes a cena da fabricação do sino no filme "André Roublev" de Tarkowsky que, a meu entender, é um dos mais belos filmes que conheço. André Roublev é sem dúvida o maior pintor religioso do século XIII, época extraordinária, quando os Tártaros ocupavam a Rússia. O filme mostra a fundição de um sino imprescindível para a igreja onde Roublev e todos os seus companheiros empregarão toda fé apesar da dificuldade da tarefa a desempenhar.



Cenas do filme André Roublev de Tarkowsky

PROJEÇÃO DO FILME

Trata-se do resultado final de um trabalho de antropologia, uma experiência na Califórnia e de um grupo ao qual pertenci em Paris chamado "O Grupo dos Dez", onde aprendi muito, composto de biólogos, cibernéticos e psicanalistas. A questão chave para mim era participar de problemas fundamentais, principalmente na Física, ciência da qual estava afastado e com pouca experiência.

A Física estava em plena transformação; no século XIX ocupava-se das leis da natureza, do determinismo, da ciência e da simplicidade pois dizia-se que atrás da complexidade aparente das coisas, existiam leis simples da natureza. A idéia era a formulada por Laplace no início do século dezenove dizendo que se um demônio dotado de senso comum e inteligência muito potente pudesse conceber o nosso universo, ele poderia conhecer não somente os acontecimentos do passado mas também os do futuro.

O mundo era uma máquina determinista perfeita porém trivial e portanto banal, cujas ações podiam ser previstas, ao passo que toda a grande revolução na Física era a destruição desta máquina trivial de ordem perfeita. Houve a erupção da desordem a partir da segunda metade do século XIX, com o segundo princípio da Termodinâmica - e sobretudo a teoria do calor tal qual elaborada por Boltzmann - onde a energia se conserva qualquer que seja sua forma mas se degrada assim que toma a forma de calor. Boltzmann explicava que o calor é o fenômeno da agitação ao acaso das moléculas, e que há a perda da capacidade de realizar um trabalho e, com a tendência natural à entropia, i.e. a tendência à equalização dessas moléculas em desordem. Para que se realize um trabalho, é preciso que haja sempre uma fonte de calor e uma fonte fria e, estando tudo homogeneizado, o trabalho não será possível.

Não existe portanto ordem pura e, até na organização há uma tendência à desordem. Por exemplo, a desordem que observamos quando fervemos água em uma panela: no início ela estremece e se agita, em seguida todas as moléculas da água se evadem em desordem, sob forma de vapor. Uma vez estabelecida esta idéia importante, podemos indagar: "Porque será que tudo não está em desordem permanente?"

Porque existem novas organizações no universo? Porque nascem as estrelas? Porque houve esta evolução, o surgimento dos animais superiores e do homem?"

Era preciso entender porque a desordem pode contribuir na formação de algo



As Mãos que Cruzam de Escher

criativo e inovador. A contribuição de Prigogine à Termodinâmica mostrava que em condições de desordem - como por exemplo o aquecimento de um líquido contido em um recipiente, cria uma espécie de fenômeno de turbilhão regulador da organização - a organização é o resultado de uma forma de cooperação entre ordem e desordem. Todos esses fenômenos nos obrigavam a repensar nos princípios de explicação habitualmente dados às coisas. Chegamos à questão apresentada no primeiro volume de "O Método": "Aonde nos situamos? Acaso fizemos progressos? "

Como podem ver no filme, continuam cavando o buraco onde o sino poderá ser fundido, e em condições trágicas e terríveis com a presença dos Tártaros, da fome e da peste.

Atendendo ao convite de um trimestre na New York University - fiquei alojado no 26º andar de um apartamento em Bakers Street, com vista esplêndida sobre o rio Hudson, a Estátua da Liberdade, o céu e os aviões - comecei a redigir a introdução ao "O Método". Sempre tive necessidade do estímulo ecológico e do meio ambiente para escrever - mais tarde, continuaria a redação de "O Método" na Toscana - e, esta introdução, redigida em Nova Iorque em condições muito felizes, é de certa forma o microcosmo da obra e das idéias essenciais, esclarecendo o resto do trabalho.

Quando voltei a Paris, enfrentei muitas dificuldades: a dispersão, as ocupações, as amizades, as inimizades. Não conseguia trabalhar, imaginei estar estagnado e encontrava-me às voltas com esta típica contradição: não podia deixar Paris como também era impraticável não deixar Paris e abortar esse projeto. Nesse momento, surgiram circunstâncias providenciais.

Vejamos o que está acontecendo com o nosso sino no filme: estão trabalhando o molde e, como trata-se de um trecho muito longo, sugiro que acelerem o movimento para que possamos chegar no momento em que o sino será efetivamente fundido, quando interromperei a minha exposição para vermos a projeção.

Quando estava em Nova Iorque existia uma música que tocava sempre no rádio: "Angel" dos Rolling Stones - ouço sempre música durante o meu trabalho - e ao ouvi-la, levantava-me e começava a dançar. Era uma época em que se dançava muito e isto estimulava o meu trabalho.

MÚSICA

Enquanto esperamos o final do filme, vamos ver o quadro "As mãos que cruzam".

QUADRO

Voltemos agora ao filme no momento da fundição do sino.

FILME

Vocês viram o filme de modo fragmentado e disperso, não sendo possível acompanhar este movimento extraordinário, este trabalho realizado com fervor e a criança que conhece o segredo da fundição do sino que tem o significado do renascimento para a Rússia com suas igrejas destruídas, vítima dos Tártaros. Está presente neste filme, de certa forma, um hino à Rússia e, em dado momento, um velho diz a André Roublev, que tinha parado de pintar, retornando sua vocação de grande artista e de pintor genial: "Vai pintar, vai pintar!". Suas obras podem ser vistas em São Petersburgo em um museu a ele dedicado.

Retomemos as condições nas quais "O Método" foi elaborado. Iniciando com o quadro "Les mains qui se croisent" e depois refletiremos sobre todas essas questões. Temos trechos de músicas indispensáveis para esta tarde. O que gostariam de ouvir agora? "Caminante", "La Varsoviennne" ou "Orixás"? "Caminante"!

Angie
(M. Jagger/K. Richards, 1973)

Oh, Angie, Oh, Angie, when will those dark clouds disappear
Angie, Angie, where will it lead us from here
With no loving in our souls and no money in our coats
You can't say we're satisfied
But Angie, Angie, you can't say we never tried

Angie, you're beautiful, but ain't it time we said goodbye
Angie, I still love you, remember all those nights we cried
All the dreams we held so close seemed to all go up in smoke
Let me whisper in your ear
Angie, Angie, where will it lead us from here
Oh, Angie, don't you weep, all your kisses still taste sweet
I hate that sadness in your eyes
But Angie, Angie, ain't it time we said goodbye

With no loving in our soul and no money in our coats
You can't say we're satisfied
But Angie, I still love you baby, ev'rywhere I look I see your eyes
There ain't a woman that comes close to you, come on baby, dry your eyes

But Angie, Angie, ain't it good to be alive
Angie, Angie, they can't say we never tried

MÚSICA



Partitura de La Varsoviense

Pausa para o almoço

Vamos terminar hoje e, se assim o desejarem e tivermos tempo, poderão me fazer perguntas. Como sabem, é muito difícil cronometrar as transições da fala à leitura ou à música e, se houver tempo, ficaria muito feliz de responder às suas perguntas.

Estava então sempre às voltas com a grande tarefa de "O Método" em Paris, nas condições de esterilidade que falei, e precisei deslocar-me até Florença. Havia preparado e organizado um colóquio com meu amigo Cândido Mendes do Rio de Janeiro sobre o tema "A Crise do Desenvolvimento", em ambiente não universitário, na magnífica residência de campo de um amigo em Toscana, com lindo terraço e paisagens com vinhas e oliveiras, em Cimo de San Clemente. Éramos aproximadamente quinze pessoas, e fui a este colóquio sem nenhum entusiasmo pois estava preocupado com meu trabalho.

Na estação de Florença, a sobrinha do meu amigo, uma jovem encantadora, veio me buscar. Ela entendeu meus problemas e ... nos amamos. Chamo-a minha "providência" em "Meus Demônios". Ela regressara de Bali, para onde deveria retornar, dizendo ser impreterível eu trabalhar em Toscana Marítima na casa de um amigo dela. Em outras palavras, traçava meu destino, e quinze dias mais tarde nos separamos com um sentimento de realização e de alegria mútua.

Dois dias antes de partir, encontrei numa vizinha, uma jovem cujo olhar azul me impressionou e pensei comigo mesmo: "Que pena, devo partir..." Na véspera de minha viagem encontrei-a novamente na rua a caminho do hospital em visita ao meu pai operado dos olhos; perguntei-lhe se desejava me acompanhar e anotei o número do seu telefone. Telefonei indagando se ela queria partir comigo no dia seguinte, pediu uma hora para pensar e aceitou. Foi a minha segunda "providência" e encontrava-me nas melhores condições para trabalhar pois ela me visitava com frequência.

Foi assim que comecei a trabalhar. Fiz uma primeira redação contínua: um grande manuscrito em três partes, a primeira intitulada "A Natureza da Natureza", a segunda "A Vida da Vida" e a terceira "O Conhecimento do Conhecimento" quando percebi tratar-se de um volume enorme.

Estava em um lugar extraordinário, com vista maravilhosa, nesta Toscana que amo tanto, nesta Itália onde sinto-me tão bem, como se estivesse em casa mesmo estando no exterior, e gostaria que pudessem compartilhar esta minha sensação, com duas músicas. A primeira é uma adorável canção napolitana "Come ti hà fatto Mametta", que fala de uma jovem cuja mãe a fez tão bela.

MÚSICA

Vamos ouvir agora a música "Caruso" exprimindo a sentimentalismo e a beleza do amor à Italiana.

MÚSICA

Comecei a trabalhar a partir de 1974 e a primeira parte de "A Natureza da Natureza", publicada em 1977, e revista graças às críticas e sugestões de um amigo matemático. A segunda parte foi publicada em 1981 e precisou ser refeita pois um tema tratado de forma periférica no meu trabalho, exigia cada vez mais ser o central: o tema do sujeito, do eu.

Fui auxiliado por um professor de ecoetiologia da Universidade de Rennes, que se tornou meu amigo, i.e., do comportamento animal no meio natural, e que organizara um grupo de pesquisadores. Casado pela primeira vez, abandonou a esposa para ficar com uma estudante com quem novamente se casara. Tinha filhos do primeiro e do segundo casamento e, quando a

segunda esposa ficou mais idosa, apaixonou-se por outra estudante. Disse ele para sua infeliz mulher que se queixava de não mais fazer amor com ela: "Você quer fazer amor comigo?" e em seguida estrangulou-a durante o ato. Após enterrá-la no jardim de sua casinha, viajou de férias para o Rio de Janeiro em companhia da estudante. A família da esposa estranhou o desaparecimento, e sendo ele um intelectual, não sabia mentir, descobrindo a polícia imediatamente o corpo. Foi quase condenado à morte por ter cometido um crime tão hediondo porém justificado pelo estado de delírio, já que se perde o controle no momento do paroxismo amoroso. Por felicidade, raramente se estrangula a parceira!

Este homem, condenado à prisão perpétua no presídio de Saint Maure, perto de Châteauroux, de onde ninguém conseguira escapar, tornou-se uma espécie de santo, pois ocupava-se em educar os analfabetos que ainda existem na França dentre os ciganos e os norte africanos, encorajando os outros detentos a participar de provas e estudos universitários. Um dia, escreveu-me uma longa carta dizendo: "O senhor talvez não responda pois sou o homem que assassinou a esposa, mas lendo o seu primeiro volume..." e fez uma série de reflexões. Respondi-lhe e mantivemos longa correspondência. Obtive a autorização de visitá-lo e tornamo-nos amigos, juntamente com outros detentos, um dos quais apresentou uma tese muito interessante, abordando o tema da mulher para os presos e do qual me ocupei.

Creio que esse professor muito me ajudou, pois aceitou fazer a crítica de meus manuscritos que gradualmente lhe enviava, assim como também lhe ajudei. Beneficiei-me de sua ajuda e em meu prefácio agradeçi ao "Recluso".

Penso que fui auxiliado nesse trabalho que entregava para ser lido, modificando-o segundo as críticas de personalidades nas diferentes áreas e com as quais eu lidava.

Durante este período, fiz o que chamo de "minha última reorganização mental". Inicialmente surgiu o tema da complexidade, tornando-se central; havia surgido na Califórnia, ocasião em que lera as concepções da complexidade criadas pelos matemáticos e cibernéticos, e que definiam o grau de variação de um sistema. Havia escolhido o tema, transformando-o, elaborando-o, e deduzindo que a complexidade não constituía uma resposta mas sim um problema, um desafio; que o mundo real era complexo e que era preciso responder a estas questões.

Quando dizemos que algo é complexo, significa sermos incapazes de descrevê-lo e de explicá-lo. Falar de complexidade é encontrar as ferramentas mentais que dispomos para nosso saber, e que são as que nos ensinam a separar: história, psicologia, biologia, sociologia, porém mas não nos ensinam a ligar o todo. Que ferramentas era preciso elaborar para fazer a ligação?

Por favor, mostrem novamente "As mãos que cruzam" mãos que se desenham. É um belo símbolo, pois retrata de certa maneira o sistema circular; uma idéia que denominei a recursividade: um procedimento cujos produtos são necessários à própria execução do processo, e seus efeitos necessários para retornar à causa. Este processo que aqui parece estranho - uma mão desenhando a outra - é o mesmo que encontramos no fenômeno da reprodução que mencionei: somos os produtos de uma reprodução biológica, tornarmo-nos produtores e, novamente a continuidade do processo. Qual é o sentido? A auto produção, produzir-se a si próprio e, naturalmente não nos produzimos em compartimento estanque, precisamos sempre de algum fator

externo, da energia vinda de fora. Por exemplo, um turbilhão no rio que, de alguma forma, não se forma em condições de desequilíbrio mas, para ser contínuo, deve ser alimentado pelo fluxo do rio. O turbilhão é uma bela imagem porque é uma figura circular, onde cada elemento é ao mesmo tempo a causa e o efeito do seguinte, e esta representação estável é uma figura onde estão unidos o início e o fim. Finalmente, esta é a idéia central: o anel, o aro, a espiral encontrada no cosmos ao observarmos nebulosas espirais; a própria Via Láctea na qual nos situamos. Esta é a forma da gênese, da constituição das coisas.

Era preciso portanto a ferramenta e sua utilização - este é um fato relevante - e era preciso um estudo que dominasse a separação, e isto denominei dialógica, herdeira da dialética, uma corrente de pensamento sempre em minoria na história do Ocidente porém com outros aspectos importantes tal qual a filosofia chinesa do "Tao". Gostaria de ouvir a leitura de trechos de Heráclito, por favor.

LEITURA

Heráclito de Éfeso, que viveu 600 anos antes de nossa era, grande pensador do qual conhecemos fragmentos dispersos e que, na minha opinião, é um extraordinário pensador pois soube mostrar ser preciso unir noções contraditórias.

Podemos encontrar o mesmo em Péricles, certa autoridade na democracia ateniense durante a guerra do Peloponeso e que dizia: "Nós Atenienses, somos capazes de unir a prudência e a ousadia enquanto que os outros, ou são medrosos ou temerários." O que na realidade queria dizer? Que o verdadeiro problema é ser, ao mesmo tempo, prudente e ousado, duas virtudes aparentemente incompatíveis e que devem se unir.

Um problema dos tempos atuais extremamente vital, pois sabemos ser preciso lutar contra inúmeras inovações tecnológicas, como por exemplo, os organismos geneticamente modificados, o milho, a soja e muitas outras transformações. Devemos nos servir do princípio da precaução, da prudência, mas ao mesmo tempo devemos ser bastante ousados nas políticas que ideamos, justamente por estarmos cercados dos perigos e, como auto defesa, precisamos ser corajosos e unir virtudes contrárias. Existem provérbios latinos muito belos, como este: "Apressa-te, lentamente", é mister fazer depressa mas sem precipitação, pois nos arriscamos perder tudo. Um outro belo princípio do direito romano: "Summum jus, summa injuria", i.e., "Excesso de justiça, excesso de injustiça. Aplicada estritamente a letra da lei, comete-se mais injustiça do quando interpretada de forma mais flexível. A idéia de poder unir tanto no pensamento como na ação noções contraditórias é a segunda idéia fundamental em "O Método", tornando-se absolutamente central.



As Mãos que Cruzam de Escher

Existe um outro ponto de vista que denominei: o princípio holográfico ou hologramático, isto é, a imagem do holograma. Em um holograma cada ponto do objeto representado contém praticamente toda a informação do conjunto. Por exemplo: se no holograma cortarmos um cavalo em dois, não teremos dois meio cavalos, mas sim duas vezes um cavalo um pouco menos nítido, cortado em quatro, teremos quatro cavalos menos nítidos. Não somente a parte está contida no todo, mas o todo na parte.

Esta idéia recorda a uma outra antiga, reencontrada no momento do Renascimento, i.e. a idéia do microcosmos e do macrocosmos, onde o homem é semelhante ao microcosmo dos mundos nos quais se encontra. Esta idéia era ao mesmo tempo correta e incorreta. Incorreta pois não somos o espelho da natureza, das estrelas, dos átomos; porém hoje somos seres singulares e, nesta singularidade, possuímos em nós todo o universo.

No princípio, as primeiras partículas criadas no início do universo uniram-se para formarem os primeiros núcleos; em seguida temos os átomos de carbono indispensáveis à vida, forjados em um sol anterior ao nosso; temos então as moléculas que se incorporaram aos meteoritos ou na Terra, e por fim as macromoléculas que se agruparam para criar a vida. Somos os herdeiros das primeiras células que se diferenciaram e que se perpetuam através de nós. Portamos todo o Universo, e isto ocorre não somente para as células como também para a evolução da vida em geral: somos animais, mamíferos, antropóides ...

De alguma forma, o todo está no interior da pequena parte que nós somos, como em cada célula do nosso organismo que possui a totalidade do patrimônio hereditário e é por esta razão que hoje podemos clonar um indivíduo, encontrar os meios técnicos para poder reativar o ADN desta célula para criar um novo embrião. O todo está na



Heráclito de Éfeso, detalhe de Raphael

parte e, da mesma forma, estamos na sociedade sabendo que esta, como um todo com sua linguagem, cultura e normas está em nós.

Este princípio é muito importante no mundo complexo, já que não somente a parte está no todo mas o todo está na parte. É uma maneira de rever o mundo exterior, a complexidade do cosmos, da vida e a complexidade humana. Cada ser humano é, ao mesmo tempo, único e múltiplo, com várias personalidades. É um cosmos de sonhos, aspirações, intenções, constituindo uma abertura ao mistério, porque sabemos hoje, quanto mais avança o nosso conhecimento, mais desvenda o desconhecido e, talvez o incognoscível. Pascal dizia: ao se alargar a esfera do conhecimento, maior contato tem com a esfera da ignorância. De certa forma, podemos dizer: quanto mais sabemos, menos sabemos. É algo como o belíssimo poema místico de Juan de la Cruz que peço seja lido agora.

LEITURA

Entreme donde no supe (Entrei onde não sabia)

Cuanto sabia primero
mucho bajo le parece
y su ciencia tanto cresce
que se queda no sabiendo
toda ciencia trascendiendo

Cuanto mas alto se sube
tanto menos se entendia
que es la tenebrosa nube
que a la noche esclarecia
por eso quien la savia
queda siempre no sabiendo
toda ciencia trascendiendo.

Este saber no sabiendo
es de tan alto poder
que los sabios arguyendo
jamás lo puede vencer
que no llega su saber
a no entender entendiendo
toda ciencia trascendiendo

Vocês me perguntarão, mas para que serve conhecer se chegamos à ignorância? É exatamente este o fato interessante, pois sendo ignorantes, não temos conhecimento desta situação, ou mesmo que possuímos certas ignorâncias, como da matemática por exemplo ou de qualquer outra matéria. É o conhecimento que conduz a uma ignorância consciente dela mesma; ou seja: o saber não é inútil. Conhecemos e entendemos inúmeros fatos, mas chegamos no limiar dos problemas fundamentais, dos problemas maiores: Porque existe um mundo e não o nada? Porque existimos? Porque vivemos? Porque existem princípios que fazem com que as partículas possam se unir?

Chegamos ao mistério do universo e à comunicação com esse enigma ocorrido de uma maneira profundamente poética e que a cosmologia nos ensina, aquilo que nos mostram as observações realizadas pelos telescópios e satélites, e que revelam um universo fabuloso. Gostaria de projetar agora as imagens, as fotos cósmicas.

PROJEÇÃO DE FOTOS

A maravilha é tratar-se de explosões nucleares bem mais terríveis das que poderiam aqui ocorrer, mas que fazem parte da própria estrutura solar, enquanto que na Terra destruiriam tudo. O que ocorre para que bilhões de astros possam viver bilhões de anos entre implosão e explosão?

Tudo isto conduz à ética que será o fim de "O Método". Acredito ter dissertado durante a primeira sessão sobre o ensinamento do meu mestre Georges Lefèvre, mostrando que a ação não obedece às intenções daqueles que a iniciam, e mais tarde, elaborando o que chamo de princípio de Ecologia da

Ação mostrando que a ação obedece então às condições do meio em que ocorrerá.

É então muito importante acompanhar a ação para que ela não derive, procurar fazer com que ela não enverede em um sentido oposto; daí a necessidade de uma estratégia e de uma moral. Não basta dizer: "Quero fazer o bem!"; é necessário também, como dizia Pascal: "Pensar bem, eis o princípio da moral", é complexo ter um pensamento justo, não no intuito de ser infalível mas também para procurar errar o mínimo possível.

Chegamos aos grandes problemas da ética e que não pretendo aqui desenvolver, porém acredito que um dos princípios – e é aquilo que fiz no final de "Meus Demônios" – é resistir à crueldade do mundo, um princípio que precisa naturalmente da compreensão humana.

Algo que mais me surpreende não é somente a incompreensão que temos diante de pessoas de outra religião, ritos, cultos, nacionalidade, costumes, como também, a incompreensão que sentimos para com os outros, até com os entes próximos no seio da mesma família, entre irmão e irmã, pais e filhos, pessoas amigas e que podem se enganar sobre o sentido das palavras de outrem. Esta incompreensão é terrível, pois não conseguindo entendimento entre nós, e não fazendo um mínimo esforço de compreensão, como poderemos esperar uma compreensão ampla entre os humanos? Este problema me parece absolutamente fundamental e, requer uma auto análise naquilo que concerne ao respeito pelos demais e da vontade de entendê-lo. A compreensão também é uma das formas de resistir à crueldade do mundo.

Queria que ouvissem um trecho que não localizamos, "O Adágio do Quinteto" para instrumentos de corda de Schubert, pois acredito ser um dos trechos mais tocantes e belos de toda música e então ouvirão o início do célebre quarteto "A Donzela e a Morte" que fala da presença da morte e da fragilidade, da beleza da jovem.

MÚSICA

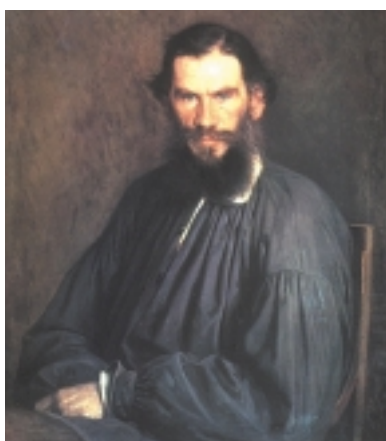
Vemos sempre mais que esses problemas da complexidade do método, da ação do pensamento não se constituem somente problemas intelectuais com finalidade acadêmica, são sim problemas vitais e globais. Esses últimos anos, um pouco por acaso, mas também por necessidade, sempre que tinha algumas idéias, queria vê-las aplicadas no ensino. Para reformar o pensamento, é preciso naturalmente passar pela reforma do ensino, redigi então textos, principalmente dois livros que foram traduzidos em português: "A Cabeça Bem Feita" e "Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro" onde indico que, dentre esses saberes, é preciso que o conhecimento não seja um objeto exclusivamente reservado aos epistemólogos. O ensino fornece o conhecimento mas nunca explica o que ele é e, quando o faz, é sempre uma tradução do que é percebido e, como em toda tradução, há o risco de erro ou de ilusão.

O conhecimento é a tradução de uma reconstrução, podemos errar e é preciso saber qual procedimento foi utilizado: um processo psicológico ou individual - amiúde, como auto justificativa, procuramos nos iludir a respeito do que vemos e acreditamos - ou um procedimento cultural, com todas as possibilidades de errar e todas as indicações que podemos ter para lutar contra o erro e a ilusão.

É preciso ensinar o conhecimento e o conhecimento do conhecimento; é preciso ensinar a condição humana e fazer convergir todas as disciplinas, desde a disciplina do cosmos, pois sabemos que dele somos originários e fruto do pó das estrelas, de uma aventura cósmica solar no seio da via láctea. Somos portanto a cosmologia, todas as ciências biológicas e da evolução, até



Rimbaud



Tolstoi



Kosovo



Ruínas em Ruanda

a hominização e o surgimento da humanidade.

Acredito que é necessário compreender a psicologia como algo que concerne ao indivíduo como tal; a história como sendo seu destino histórico e a sociedade, seu destino social, todas interligadas.

É preciso considerar também que a literatura não é somente um objeto semiótico ou um luxo, mas sim uma forma de restituir a vida. Na literatura e no romance, não vemos seres abstratos mas sujeitos, seres que possuem uma alma, seres que vivem em um meio, têm paixões, sentem amor, ódio e ambição, e todos os grandes romances do mundo nos ensinam a viver.

Nos romances e na literatura, encontramos novamente nossas próprias verdades: já citei Dostoiévsky, Tolstoi, Rimbaud pois é através da literatura que as verdades, em nós adormecidas, despertam e tornam-se nossas verdades. A literatura, assim como o cinema quando bem concebidos, representam uma aprendizagem da compreensão humana possibilitando-nos perceber o quanto são complexas as relações humanas. Ler Dostoiévsky ou Marcel Proust é um verdadeiro ensinamento. Para o cinema, como já dissera, encontramos Charlie Chaplin o vagabundo. Entendemos o próximo muito melhor do que na vida real, e é esta compreensão que é preciso inserir nesta realidade.

A condição humana é um estudo imprescindível para fazer tudo convergir, e a poesia é uma iniciação à qualidade poética da vida. Não se trata somente de aprender belos poemas, é preciso aprender a sentir a qualidade poética. O aprendizado das artes, da pintura, da música, etc., nos ensina a qualidade poética da vida que transferiremos para outros domínios e para nossas próprias experiências. É preciso também ensinar a confrontar-se com a incerteza.

Sabemos que a existência do mundo conheceu inúmeras catástrofes; três grandes no decorrer da evolução biológica decorrentes de acidentes externos, como o impacto de um aerólito. Sabemos também que após uma destas catástrofes, aconteceu a extinção dos dinossauros permitindo a pequenos mamíferos roedores, nossos ancestrais, se manifestarem.

Quantos acasos, quanto caos!

Todos os impérios da antigüidade ruíram; nos tempos modernos, foi a vez do Império Otomano, do Império Austro-Húngaro e recentemente do Império Soviético. Devemos aprender que o futuro não está selado e que caminhamos em direção a uma aventura desconhecida, que não sabemos qual será o amanhã e que devemos nos fortalecer para enfrentar o incógnito. É preciso também tomar conhecimento do mundo, isto é, fazer do aprendizado daquilo que ocorre sobre nosso planeta o ponto central; é preciso convergir a geografia, a história, a economia e tudo o que acontece na Terra. É preciso promover uma reforma do pensamento e do ensino. Estamos distantes do alvo, porém podemos indicar as diretrizes e as metas.

É preciso naturalmente resistir à barbárie, a velha barbárie que renasce sob

suas mais atrozes formas por ocasião de cada conflito. Já a defrontamos em diversos lugares, na Bósnia, no Kosovo, em Ruanda. Até a Alemanha, país mais culto e civilizado da Europa, afundou na barbárie! A Rússia, que tem o povo mais humano, onde os sentimentos são mais ricos, foi vítima da barbárie. Ela está presente, ameaçando-nos novamente, esta velha barbárie de destruição e ódio, aliada a uma nova barbárie, nascida em nossa civilização, uma barbárie fria, gélida: a da técnica e dos cálculos que ignoram os sentimentos e a vida.

Infelizmente, sempre mais economistas, técnicos e tecnocratas estudam o mundo humano servindo-se unicamente de cálculos, e tudo que escapa aos cálculos é eliminado - a vida, o sentimento, o amor - e eles enganam-se com muito mais freqüência do que o pobre e simples cidadão.

Temos problemas gigantescos para os quais precisamos de uma energia e força de vontade descomunais. Gostaria de pedir-lhes ouvir novamente o início da Nona Sinfonia de Beethoven.

MÚSICA

Se assim o desejarem, podemos ter um espaço para um intercâmbio e perguntas.

Questões do público e Respostas de Edgar Morin

Q. Professor, talvez, dentro do contexto no qual o senhor falou, trata-se de uma questão menor, mas é algo que me interessa muito e tem um fundo histórico. Gostaria de saber se o fato dos processos de Staline não tenham acontecido tem como causa a fragmentação da União Soviética naquela época, tornando a Mãe Rússia mais suscetível ao expansionismo ocidental, em especial o alemão?

E. Morin: Sim, trata-se de uma pergunta historicamente muito importante e responderei de forma abrangente. Acredito que em 1917 a revolução de Outubro na Rússia ocorreu em condições precárias, como as da Primeira Guerra mundial e da decomposição do exército russo. Havia um avanço popular em direção à paz e, ao mesmo tempo, reivindicações de terra por parte dos camponeses e dos partidos revolucionários, dentre eles o bolchevique, que pretendia dar todo o poder aos soviéticos.

A doutrina do comunismo, e de Lenin era que, para formar uma sociedade socialista seria necessário, em primeiro lugar, construir uma sociedade burguesa. No início, sua meta não era fazer uma revolução, mas diante da decomposição do regime de Kerensky, após a queda do Czar, Lenin mudou de estratégia, conduzindo a revolução, em suas famosas teses de abril 1917, com a idéia que não se tratava de estabelecer o socialismo na Rússia mas sim de ajudar a revolução mundial. A esperança era a revolução alemã e a inglesa, países mais desenvolvidos.

Como, após a Primeira Guerra mundial, não houve revolução na Alemanha, somente uma tentativa severamente reprimida, não houve revolução na Inglaterra e tampouco houve revolução mundial, criou-se na mente dos dirigentes bolcheviques a idéia de perenidade. Uma oposição ocorreu entre as teses de Trotsky, dizendo que era preciso fazer a revolução permanente em outro lugar senão o regime endureceria e perderia suas qualidades, e a de Stalin de fazer o socialismo em um só país, conduzindo-o à industrialização sob condições extremamente severas.

Porém, contra os estrangeiros, desenvolvera-se na época da revolução uma polícia política e o endurecimento da União Soviética teve um conjunto de fatores. Devemos aqui incluir o circuito ou as causas circulares, pois o

Bolchevismo era de fato um partido construído sobre um modelo autoritário, em condições de clandestinidade e distinto dos outros partidos sociais democratas. Portava em si um sistema de verificação quase policial, era construído de maneira militar e além do mais, possuía a verdade, a do marxismo. Este partido autoritário desenvolveu um pensamento autoritário que não era necessariamente o de Marx em determinadas condições, i.e., uma guerra civil impiedosa, um cerco feito pelos países capitalistas, e finalmente o atraso no qual se encontrava a Rússia Czarista.

Era um conjunto de condições internas, ou melhor de fatores internos e externos, que conduziram ao endurecimento do regime de Stalin. O culto a Stalin foi justificado dizendo ser necessário para unificar as populações muito diferentes da União Soviética, porém este culto promoveu caracteres agressivos e bárbaros e a "máquina" Stalinista começou a ruir durante os anos 1934, 1935 com os grandes expurgos.

Escrevi um livro intitulado "A Natureza da URSS" onde procuro entender todos os elementos participantes, pois Marx não é predecessor direto de Lênin, existem naturalmente elementos oriundos do primeiro, assim como Lênin não é predecessor direto de Staline, há elementos do Leninismo que vão até o Stalinismo. É preciso entender este sistema, as condições do cerco são incontestáveis mas as condições internas também. Acredito que se faz necessário uma explicação complexa do fenômeno que foi a União Soviética.

Q. Gostaria que o senhor falasse mais sobre a sua experiência na questão do ensino, considerando que o senhor está ligado a esses debates, tanto na França que em Portugal.

E. Morin: Foi uma experiência sem grandes resultados porém muito importante para mim. Para minha grande surpresa, fui chamado pelo Ministro da Educação francês, Claude Allègre que pediu-me para presidir um comitê científico que examinaria a reforma dos programas de ensino nos liceus, isto é nas escolas secundárias.

Aceitei, porém após ver os nomes dos membros do conselho científico, fiquei muito preocupado porque havia personalidades extremamente díspares. Consegui acrescentar algumas pessoas em quem confiava mas o comitê era heterodoxo demais. Quando se tem uma assembléia de personalidades muitos diferentes, mesmo sendo geniais, só podem encontrar um denominador comum mediano e medíocre. Para que um projeto de reforma progrida, precisa-se de poucas pessoas com uma paixão comum. Uma reforma não pode ser entregue a representantes heterodoxos e com diferentes opiniões, e ainda para que tenha sucesso, é preciso que essas poucas pessoas sejam capazes de propô-la e levá-la a cabo.

De qualquer forma, havia no gabinete do Ministro um membro, matemático de formação, que concordava com uma tentativa experimental, dias temáticos, dez no total, onde poderia provar aos professores, dentro em suas disciplinas, que estas podiam ser religadas.

Promovi um dia consagrado ao Cosmos, com a intervenção de físicos e cientistas em cosmologia; um dia consagrado à Terra, com a intervenção dos cientistas dedicados à terra; um dia consagrado à Vida; um dia consagrado à Humanidade; um dia à Literatura e às Artes; um dia à História e o último dia era consagrado à abordagem da reforma do pensamento.

Tentei mostrar o fio condutor e como, partindo do cosmos, podíamos seguir um romance, uma aventura extraordinária que acontece para a humanidade e que continuará mais adiante, não sabemos como. Em outras palavras, podemos recriar objetos porque o estudo da física e da química é uma coisa abstrata, mas se introduzirmos a física e a química na história do mundo, na

aventura do mundo, fica muito interessante e se começarmos a entender que fazemos parte da história do mundo, torna-se cada vez mais importante.

O resumo desses dias foi publicado no livro intitulado "Religar os Conhecimentos", com as contribuições de todos os participantes. Era preciso tentar demonstrar que podíamos religar os conhecimentos entre si sem destruir as disciplinas.

Esta experiência não teve sucesso, o Ministro permitiu que uma coalizão heterodoxa se formasse contra ele, constituída por professores do ensino secundário, sindicatos, os "mandarins" da Universidade; fazendo ainda o Ministro comentários jocosos ironizando alguns professores. Ele intimidou-se e terminou fazendo algumas pequenas reformas inseqüentes, e como sempre ocorre na França, quando pretendemos fazer uma reforma, conseguimos somente reforminhas.

Por outro lado, a idéia de fazer esta transformação do pensamento e religá-lo aos conhecimentos não teve apoio, não encontrou eco por parte da imprensa, dos jornalistas e da maior parte dos intelectuais que não demonstraram interesse.

Minha reflexão resultou no livro "A Cabeça Bem-feita", o relatório feito ao término da minha missão ao Ministro. Neste mesmo diapasão, a UNESCO e a divisão que se encarregará "de educar em vista de um futuro viável" solicitou-me que elaborasse um texto, tornando-se "Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro" onde pude desenvolver plenamente minhas idéias.

A divulgação de "A Cabeça Bem-feita" chamou a atenção do Ministro da Educação de Portugal afirmando inspirar-se em minhas idéias mas que nunca deveria utilizar a palavra "reforma". Empregaria "mudança, modernização, adaptação ... porque a palavra reforma, assusta." Que época! Quanto ao Ministro da Colômbia, homem de vasta cultura, ficou totalmente seduzido. Irei provavelmente no mês de novembro a Cartagena onde várias universidades trabalham com os temas dos "Sete Saberes" e da reforma do pensamento. Tive também entrevistas no Uruguai e expus estas idéias alguns meses atrás em Brasília diante de uma assembléia de professores.

Minha sementeira assemelha-se a uma árvore: minhas sementes dirigem-se em todas as direções e não sei qual será o resultado. Muitas vezes, as sementes caem em terreno inóspito e nada acontece, mas às vezes, muito longe, ocorre que algumas germinam de forma inesperada e produtiva... O mesmo ocorre com as idéias sobre a complexidade. Estou muito feliz por obter resultados em países de língua latina, no Brasil, na Argentina, no Chile, no Uruguai, na Itália e na Espanha.

Trata-se de uma reforma radical, muito importante, é preciso mudar as instituições e sobretudo as mentes. Quando afirmei ao Ministro Allegre: "Primeiro é preciso mudar o ensino superior", ele respondeu: "O senhor sabe, mudar as mentes não é uma tarefa fácil." De fato, é mais difícil mudar as mentes do que as instituições.

Q. O senhor disse ontem ter participado, no papel de testemunha, de dois movimentos revolucionários na Europa no final do século passado: em maio 1968 na França e em abril 1975 em Portugal. Desde então poucas coisas aconteceram no movimento político europeu. Nesse início do século XXI, o senhor pensa que um movimento revolucionário poderia fazer frente à globalização?

E. Morin: É uma pergunta muito abrangente. Não participei da mesma forma como no comunismo: durante a guerra, era imprescindível a militância integralmente, pertencer ao Partido, enquanto que em maio de 1968 eu era uma testemunha com liberdade de expressão nas colunas do jornal "Le Monde" relatando os fatos, dando um parecer favorável aos acontecimentos, incompreendidos e desconhecidos pela maioria das pessoas. Fui portanto um

ator indireto através dos meus escritos.

Em Portugal, estava presente, porém não no exército português, tinha amigos que participaram dos acontecimentos, vivenciei-os, mas não fui um personagem atuante.

No plano político, não aderi a nenhum partido desde a experiência do Partido Comunista; prefiro permanecer independente e tenho a possibilidade de expressar minhas idéias no diário francês "Le Monde" quando algum acontecimento ocorre, como na guerra do Golfo, em Kosovo e na Iugoslávia. Posso intervir e sinto que posso ser autêntico e mais eficiente do que no seio de um partido.

Por outro lado, tenho muita simpatia pelas ONGs, Organizações e Associações não Governamentais, às quais participo indiretamente, como por exemplo "Médicos sem Fronteira", "Anistia Internacional" e "Survival Internacional", não somente com uma contribuição mas também manifestando meu ponto de vista, e elas me entusiasma.

Escrevi um artigo no "Le Monde" intitulado "O século XXI começou em Seattle" onde dizia que o importante debate ocorrido no final do século passado em dezembro em Seattle, possibilitou-nos entender que um problema mundial requer uma resposta mundial. Em outras palavras, a resposta a esta hegemonia do mercado, da mercadoria e de todos os processos industriais, anônimos, capitalistas e técnicos que destroem a qualidade da vida, não pode ser outro isolamento, cada um ficando em seu território, mas deve ser uma ligação entre o local e o mundial, obtendo uma resposta global. Seattle é uma resposta mundial e não, na minha opinião, uma resposta anti-globalização mas sim uma resposta para um outro tipo de globalização e não podemos esperar obtê-la sem esforços.

Achei o caso de José Bové muito simbólico porque ele começa com a defesa de um produto autêntico, um queijo feito com leite cru chamado Roquefort e, da defesa deste produto, ataca um símbolo da alimentação homogeneizada, o McDonald local. Pelo viés do Roquefort, manifestou-se em Seattle o elo entre o regional, a diferença dos interesses regionais, que é ao mesmo tempo a defesa da agricultura biológica de qualidade, a defesa da pequena e média exploração, contra a grande exploração industrializada. Houve um consenso entre diversos fatores que possibilitaram uma resposta provisória porque é evidente que em Seattle durante o protesto, havia elementos com divergências enormes, sindicatos americanos e agricultores americanos o que também é muito importante. Houve uma resistência nos EUA contra a hegemonia da Monsanto que apropria-se da vida, vendendo milho e plantas geneticamente modificadas. A Monsanto quis até vender vegetais possuindo um gene denominado Terminator, que os impedia de reproduzir-se, obrigando assim os camponeses a comprar suas sementes.

Havia representantes do continente Africano, do mundo pobre, e naturalmente, grandes diferenças, porque na própria conferência oficial de Seattle, existiam divergências entre Europeus e Americanos, como também entre representantes de outros países, a China ou os países da África, por não existir uma verdadeira unidade, mas o caminho a ser seguido está delineado ou, pelo menos, um esboço de caminho.

Porquê o caminho é difícil? Porque até o presente momento nenhum partido conseguiu controlar um movimento de modo a utilizá-lo. Termina pervertendo-o pois, sempre que um partido pretende monopolizar um movimento, enquadra-o em seus próprios dogmas e perde-o ... O movimento deve permanecer espontâneo.

Há também o fato que propõe um tipo de política que defenda em todo lugar o qualitativo em detrimento do quantitativo. Podemos dizer que todos os acidentes alimentares ocorridos, finalmente serão úteis ao movimento da Vaca Louca na Inglaterra e na Europa. O que é na realidade a Vaca Louca? É o resultado de uma alimentação infame feita com pó de carcaças de bovinos mortos, resíduos de vaca, que obrigam esses animais vegetarianos a comer e que resultou no desenvolvimento do Prion. Surgiram infecções originadas nos criações industriais de frangos e de porcos que poluem o lençol freático.

Em todo lugar procura-se fazer uma política de qualidade de vida nas grandes cidades poluídas, abarrotadas pela circulação dos automóveis, onde deveriam proliferar os transportes públicos saudáveis, grandes obras de estacionamento para os carros, e para que se utilizem as vias para pedestres, ou ainda outros meios de transporte; ressuscitar as áreas rurais que tendem a ficar desertas, dando uma oportunidade não somente à agricultura biológica, mas também ao trabalho informatizado, aquele onde as pessoas podem trabalhar em suas residências utilizando o computador.

Devemos portanto reunir várias tendências e elaborar não somente uma política de civilização como também uma economia que possa defrontar o transbordamento incontrolável, não somente do mercado mundial como também da predominância atual dos grandes grupos, das multinacionais. Porquê é difícil? Porque a alternativa que alguns, e mesmo muitos, acreditavam existir no passado não existe mais, i.e., a economia burocrática soviética.

A economia burocrática soviética e chinesa mostrou falhas e imperfeições, piores ainda das originadas na economia de livre mercado, como nos países da Europa Ocidental. É por causa dessas falhas e imperfeições que a infeliz Rússia precipitou-se nos métodos dos Chicago boys, dos economistas liberais, que produziram danos ainda maiores. Como disse muito bem um economista francês: "para lutar contra a programação, era preciso programar a desprogramação" e isto não pode ser feito repentinamente numa economia de mercado. Quando os preços e a economia são liberados, a máfia também o é, sendo aquilo que realmente aconteceu.

Porém uma economia de mercado, com preços competitivos, necessita de normas jurídicas e controle. A economia mundial carece deste controle e sabemos que o FMI é insuficiente. É preciso criar instâncias de regulação. O mercado não pode ser eliminado, a economia burocrática não pode ser usada como modelo. A própria China se lança em uma economia de mercado na posição de forte concorrência, pois como sabem, os operários chineses não tem direito à greve, sendo esta a razão pela qual a China pode fornecer produtos no mercado mundial a preços baixos. O desenvolvimento industrial e econômico da China é necessário, mas precisa ser realizado em detrimento dos operários chineses? Devemos impor taxas alfandegárias para impedir a circulação dos produtos chineses e, desse modo prejudicar a China? Temos problemas mundiais extremamente difíceis para os quais devemos encontrar soluções intermediárias.

Na minha opinião, nem a economia burocrática, nem esta economia de mercado funcionam sem controle. Criar controles é muito importante mas é preciso caminhar em direção a uma economia pluralista, assim composta: uma parte de economia de mercado capitalista, uma parte de economia que podemos chamar mutualista, i.e., uma economia feita por cooperativas, e uma parte de economia chamada o «sell» onde existem trocas de serviços recíprocos com uma moeda fictícia e cujos exemplos já vimos em alguns países.

A construção de uma economia pluralista é uma tarefa importante, com o

controle do mercado mundial; estamos naturalmente no início desta tarefa. Não existem instâncias mundiais para fazer este controle e estamos em esboços de economias pluralistas que ainda não são encorajadas pelos Estados. Penso que a Europa deveria encorajar estas iniciativas, porém ainda não o fez.

Existe uma política de civilização mostrando ser a questão da qualidade de vida, i.e., aquela dos seres humanos, em todos os lugares mais importante que os fenômenos quantitativos. Trata-se portanto de fazer uma grande reforma política que ainda não temos, só poucos indícios, e penso ser esta uma tarefa para as gerações vindouras.

Q. Professor Morin, percebemos durante a sua palestra que o senhor tem uma relação antiga e bastante profunda com a América Latina que, por outro lado, nos anos 60 e 70 era vista com simpatia pela França e, com a revolução cubana, a presença de Che Guevara como modelo revolucionário era tão popular na França quanto nos países da América Latina. Hoje, percebemos o contrário: parece haver uma antipatia generalizada para os países da América Latina, não somente na França como na Europa em geral. Há na mídia somente notícias negativas sobre nossa região, como por exemplo a questão do narcotráfico. Qual é a opinião pública francesa, particularmente dos intelectuais, sobre a América Latina hoje? E como, o senhor, Prof. Morin que conhece bem a região, vê o novo papel da América Latina nessa nova ordem mundial?

E. Morin: Não concordo plenamente com o seu diagnóstico. O senhor dizia que nos anos 60, 70, a América Latina era vista com simpatia. Na realidade, o que era visto com simpatia nos meios revolucionários, era naturalmente "Che", era Cuba, talvez também as guerrilhas ocorridas na Nicarágua mas não era a América Latina no seu conjunto.

Penso que na Europa houve uma desmistificação do Castrismo pois entendo que para os habitantes da América Latina, o fenômeno cubano castrista representa uma resistência à toda poderosa potência Yankee, aquela dos "Gringos", dos EUA. Porém o sistema interno era tão negativo quanto aquele das democracias populares da União Soviética com o culto do chefe, um sistema de repressão muito severo. Acredito que a desmistificação de Cuba seja um fenômeno positivo.

Por outro lado, é preciso mencionar que os anos 60, 70, representam uma época de ditadura na Argentina, no Brasil, no Chile com Pinochet e no Uruguai. Trata-se portanto de uma época extremamente negativa.

Infelizmente na França, como em todos os outros lugares, as pessoas não olham muito além dos horizontes, olham sobretudo os horizontes do próprio país porém, nos meios que conheço, o advento da democracia nesses países é considerado como algo positivo e um fenômeno extremamente novo e importante, de progressão no nível mundial desse sentimento de uma consciência planetária.

Recordemos o que ocorreu com o General Pinochet: foi inicialmente preso na Inglaterra através da representação de um juiz espanhol e em seguida de um juiz francês para que fosse julgado pelos crimes cometidos na época de sua ditadura. Sob a repercussão desse julgamento, ele perdeu a imunidade parlamentar no Chile. Da mesma forma, o movimento para criar tribunais internacionais para punir os crimes como os ocorridos na guerra da Bósnia é um fenômeno importante. Abro um pequeno parêntese: o fato que potências de origem cristã, os países ocidentais, intervirem a favor de uma população não cristã, muçulmana na Bósnia, no Kosovo, é um importante sinal de evolução.

Voltando à América Latina, onde ocorrem fenômenos importantes, não sou naturalmente a favor da punição, ou da idéia de se processar a qualquer custo, mas penso ser importante que a experiência das ditaduras permaneça

para que se consolidem as democracias. Penso portanto que houve problemas, crises econômicas há dois anos, e acho que aqui mesmo no Brasil existem dificuldades que países da Europa já vivenciaram no passado.

O senhor falava de drogas, é realmente um problema localizado na Colômbia, mas percebemos que o problema não é só Colombiano, ou melhor é Colombiano e ao mesmo tempo é muito mais abrangente. Por quê? Porque em primeiro lugar a cultura da coca desenvolveu-se em detrimento da do café, quando as cotações do café baixaram no mercado mundial. E porque a máfia da droga precisa da proibição em países, como os EUA e países Europeus porque é seu único meio de manter o controle.

Na minha opinião, se em escala internacional houvesse a decisão de legalizar as drogas - e aquilo denominamos droga, como o tabaco e o álcool, são legais - todo poder das máfias ruiria, já que não teriam mais esses lucros fabulosos. Encontraríamos a cocaína ou a heroína nas farmácias.

Estamos falando da Colômbia porém o problema é mundial, nos carteis que se formam no mundo todo e, atualmente inclusive na Rússia. Na minha opinião, a América Latina é sempre tratada de maneira incapaz e deturpada porque a consideramos sempre como estrangeiros, mas sentimos também uma atração cultural pela América Latina e descobrimos, cada vez mais, não somente suas músicas como também seus grandes escritores.

Acho que o Brasil, sendo o país mais importante da América Latina, deve desempenhar seu papel no concerto mundial porque conseguiu criar uma miscigenação onde existe a melhor integração das populações de origem escrava, apesar de não ser total, como sabemos. Um país que infelizmente não soube tratar da importante questão dos índios, existindo também grandes problemas, principalmente o da reforma agrária no nordeste. Mas é um país que mantém uma abertura para o mundo europeu e latino, para a Ásia, com sua importante população japonesa radicada, portanto é um país que está aberto para o mundo e que pode desempenhar um grande papel no futuro.

Vocês sabem, não sou profeta, não posso prever o que ocorrerá na América Latina mas parece-me certo que cada país deste continente tente lutar do seu modo para ter um futuro melhor e é isso que me interessa e também me sensibiliza pois trata-se de países aos quais estou daqui em diante certamente ligado.

Q.: Professor, qual é na sua opinião a importância das religiões?

E. Morin: Em primeiro lugar se falamos das grandes religiões, elas são universalistas e, em princípio, dedicadas a todos os seres humanos. Considerem o Cristianismo, o Islã, o Budismo, são religiões que tem uma mensagem universal e até fraternal. Mas, como no episódio do Grande Inquisidor, esqueceram sua mensagem universal e, assim por exemplo entre o Islã e a Cristandade, na época das Cruzadas, durante séculos aconteceram batalhas, principalmente no cenário Europeu e na Palestina. São religiões que, quando se enclausuram em seus próprios dogmas, cada uma sendo detentora do verdadeiro deus, da verdade autêntica, bem como da verdadeira revelação, desempenham um papel extremamente negativo na história mundial. Porém quando abrem sua mensagem universal a todos, podem naquele momento, desempenhar um papel muito positivo naquilo que chamaria hoje de cidadania terrestre porque são um dos seus elementos. Considerem por exemplo o atual Papa: mesmo tendo reservas sobre suas atitudes frente ao aborto ou à sexualidade, ele possui um sentido ecumênico, um sentido universal e finalmente desenvolve também esses sentidos apesar das carências ou lacunas que podemos encontrar.

O erro dos materialistas, dos Marxistas era de acreditar que as religiões

deviam desaparecer, mas há algo de profundamente religioso no ser humano que não possuindo religião revelada, encontrará outras formas de religião: o comunismo foi uma delas, a da salvação terrestre. É preciso dizer também que existindo uma multiplicidade de seitas e de grupos religiosos, isto prova que a necessidade não foi satisfeita nas grandes religiões oficiais existentes.

Penso que esta necessidade religiosa deveria também ser satisfeita pela idéia de religar os humanos entre si, porém acho que esta necessidade não precisa ligar as religiões; existe um desafio, ninguém sabe o que acontecerá após a morte. Pessoalmente, não acredito que haja uma outra vida após a morte, mas também não posso afirmar pois não experimentei, e quando o fizer não estarei aqui para dizer a vocês!!!. De qualquer forma, esta é minha opinião sobre as religiões.

Q.: Professor, partindo de uma citação atribuída a Jesus, que seria mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus, isto deve-se ao fato que o rico não está sempre dispostos a dividir seus bens e a distribuir sua riqueza. Com o final da utopia socialista de igualdade e de qualidade de vida, eu gostaria de saber se o senhor acha que existe uma esperança para a humanidade frente à miséria ainda muito extensa no mundo todo e de alcançarmos, sem revolução e métodos violentos, um ideal de justiça social, de igualdade, de fraternidade e de liberdade?

E. Morin: Acredito que o problema humano fundamental é exatamente este que o senhor colocou. Alguns acreditavam que podíamos resolver essas questões pela educação. Todavia, Karl Marx disse: "Mas, quem educará os educadores?", o problema se origina nele mesmo. Pensamos também que iríamos resolver o problema eliminando, liquidando fisicamente as classes dominantes, as classes exploradoras e, de fato, na União Soviética, os capitalistas, os burgueses, os camponeses, as pessoas ricas foram eliminadas, mas uma nova exploração ocorreu com o partido, com a hierarquia e com uma nova classe dirigente e exploradora.

Não há nenhuma chave que possa abrir as portas do futuro e por sinal, o futuro não tem porta. Como ocorrem as grandes revoluções, as grandes transformações? É muito difícil prever.

Suponhamos que um extra terrestre tenha vindo visitar a Terra há quatro bilhões de anos. O que teria visto do alto de sua aeronave? Erupções vulcânicas, tempestades, um caos terrível. Teria voltado para o seu mundo relatando: "Este planeta é um caos assustador, não acontece nada de interessante." Não teria percebido que aos turbilhões, começavam a se unir macromoléculas e que esta união daria ensejo ao primeiro ser vivo, i.e., ao nascimento da vida.

Caso o viajante retornasse, há aproximadamente dois milhões de anos, veria árvores, florestas, mares, o que não é ruim mas também animais ferozes e pequenos bípedes peludos correndo para pegar um coelho e tentando para fugir de um leão que pretende devorá-los. Ele diria: "É realmente uma espécie ridícula, nada de bom surgirá desses seres, são muito bobos" e ele voltaria para seu mundo sem encontrar nada de interessante. Isto serve para afirmar que fatos e criações ocorrem, mas que é muito difícil prevêê-las de antemão.

Um outro exemplo histórico: há 2.500 anos, um gigantesco império, o império Persa se lançou na conquista de pequenas cidades gregas – principalmente Atenas e Esparta – e deveria normalmente esmagá-las. Surge a primeira guerra Médica com a aliança entre Esparta e Atenas, Esparta a duras penas resiste, defendendo o desfiladeiro das Termópilas. Os Persas parecem estar vencendo, porém numa habilidade estratégica, sua frota é esmagada e rechaçada acontecendo a vitória de Salamina.

Os Persas retornam surgindo a segunda guerra Medica, novamente possuem a superioridade numérica e, pela segunda vez a cidade rechaça à invasão. Resultado: nascimento da democracia, da filosofia, acontecimentos estes, até então, muito improváveis, pois na história, os acontecimentos positivos são improváveis.

Voltando aos dias de hoje, assistimos forças antagônicas esforçado-se no sentido de se chegar a um mundo melhor. Existem as associações das quais falei, tentativas para tornar a qualidade de vida melhor, associações de ajuda aos desempregados, as cooperativas, um borbulhar de forças que se criam, movimentos de emancipação da mulher, movimentos Africanos mas todas essas forças não são unidas umas às outras. Talvez possam num determinado momento unir-se, juntar-se, e criar condições novas para o nascimento de uma nova sociedade.

Como sabem, as sociedades humanas eram compostas de algumas centenas de membros dispersos no planeta. Não havia agricultura, estado, exército, somente alguns antigos chefes provisórios, que detinham o poder.

Num determinado momento, em três regiões do mundo, na Ásia Menor, na bacia das Índias e na China, houve uma agregação dessas sociedades, a agricultura desenvolveu-se, em seguida a criação de gado e um exército dominou os camponeses. O tributo tornou-se a forma primitiva de impostos e um reino se criou; depois as cidades, os impérios, as civilizações, as classes sociais, etc. E a aventura da História começou...

Hoje, na era planetária, será que conseguiremos fazer um novo nascimento da humanidade, i.e., civilizar a terra? Nesta civilização da Terra, será que poderemos eliminar radicalmente o que deve ser eliminado, com os meios de produção dos quais dispomos, ou seja a miséria? Será que poderemos estabelecer o reinado da justiça para todos? É uma possibilidade, porém improvável atualmente. Porém como disse a vocês, felizmente o que é improvável às vezes se realiza, e penso que a esperança está no sentido deste improvável.

Responderei a mais uma pergunta, se houver? Depois, encerrarei.

Q.: Ontem o senhor disse que a revolução é um estado nascente e citou o amor como um estado nascente. E a morte? O senhor pensa também que seja um estado nascente?

E. Morin: Há pouco foi citada uma frase de Heráclito: "Viver de morte, morrer de vida", significa que a vida luta contra a morte e é a definição que Bichat deu no século XIX: "A vida, é o conjunto das funções que resistem à morte" mas que resistem à morte utilizando-se dela. Nossas células morrem mas são substituídas por outras, as de nossa pele, de nosso corpo, de nosso fígado. Em outras palavras, há um renascimento perpétuo, um estado nascente renascendo e que usa a morte das células e que podemos assim continuar a viver. Os estados nascentes podem portanto em determinados casos utilizar a morte.

Mas será que a morte pode ser considerada como um nascimento? No nosso mundo, certamente não. Porquê? Porque na hora da morte, ocorre este fenômeno natural da decomposição do cadáver e da dissolução daquilo que compunha o organismo. Houve crenças na humanidade de uma vida após a morte, crenças no renascimento, crenças da ressurreição, das religiões da ressurreição, e a mais grandiosa seria a da religião cristã. Aqueles que crêem, acreditam que a morte é um novo nascimento, mas aqueles que não crêem... não conseguem acreditar!!!

Antes de encerrar, gostaria de contar-lhes ainda alguma coisa, pois falei do meu trabalho, da minha obra e das minhas idéias: quando me olho, posso

dizer que fui muito pouco predestinado por um forte cunho cultural, que tive que procurar sozinho minhas próprias verdades e que procurei permanecer com um ponto de vista humano universal. É uma das razões pelas quais fui comunista e escrevi "Terra Pátria"...

Tudo isto é importante e sempre procurei alimentar minha curiosidade sobre todas as grandes questões. Ocorreram acontecimentos que desempenharam um papel importante na minha vida, tais como a guerra, minhas experiências e a sorte histórica de ter ingressado no CNRS, o Centro Nacional de Pesquisa Científica Francesa, em 1961 na seção de Sociologia.

Muitos dizem que sou sociólogo por possuir este rótulo, mas não sou apenas isto e minha sorte foi poder fazer livremente os meus trabalhos. Pude escrever "O Método", o que me proporcionou navegar nas várias ciências e tive a ventura de não ficar restrito a uma única disciplina nem a um trabalho repetitivo.

Ser culto para mim nos tempos de hoje, é tentar transmitir aquilo que oferecem as ciências e a cultura tradicional, a literatura artística e a filosófica. Porque a cultura tradicional se interessa pelas grandes questões e estes são renovados pelas ciências, reanimados e até mesmo ressuscitados pelo cosmos, seja a natureza e o ser humano.

A cultura não é somente a literária, aquela dos grandes autores, é também suprir-se de seus recursos. Penso que não basta ter uma cultura científica pois, sem cultura humanista fica-se recluso em sua especialidade, e tem-se as idéias mais banais e erradas a respeito do universo. É preciso que ambas culturas se comuniquem e prover-se também da cultura literária pois ela ensina a conhecer-nos e a entender-nos.

Há uma frase maravilhosa de Marcel Proust, no final do livro "Um amor de Swann", onde o herói, por outro lado parecido com o autor, era apaixonado por uma mulher chamada Odette, casou-se ela e sofreu muito por sua causa. Era ciumento, atormentado e, quando vários anos mais tarde parou de amá-la, disse algo nesse sentido: "E dizer que eu sofri, que fui infeliz, que perdi anos da minha vida por uma mulher que não era meu tipo e que, no fundo, eu não amava". Acreditou erroneamente que amava uma mulher e não gostaria que esta ilusão acontecesse conosco.

Precisamos nos auto examinar, ver as coisas claramente, resistir à alucinação e à histeria que amiúde reina em todas as áreas, e à histeria política pois pensamos ver coisas que não existem. Para um mundo melhor, não devemos pensar somente que é preciso mudar as condições sociais e históricas, é preciso unir a mudança interna, abrir-se à compreensão, à boa vontade e à mudança exterior. Tanto a mudança externa quanto a interna não podem alcançar nada sozinhas; somente quando obtivermos a união da mudança interior com a exterior poderemos ter esta esperança.

Estamos na aventura desconhecida da humanidade e nesta aventura, vocês sabem, caminhamos mas a trilha não foi pré determinada.

"Caminante, no hay camino..."

Cheguei ao fim da minha palestra e gostaria de agradecer em primeiro lugar ao Sesc, aos seus profissionais em geral e principalmente a Nurimar Falci, cuja gentileza, colaboração e incansável dedicação muito me comoveram e me ajudaram enormemente, e dizer a vocês o quanto estou emocionado de rever juntos essas imagens e músicas que foram marcantes em minha vida e que agora talvez também os acompanhem.